

Nunes, Naidea Nunes, 2019, “Insularidades Linguísticas, Geográficas e Socioculturais: Variação Semântica de Algum Léxico Diferencial na Ilha da Madeira”, *Pensardiverso* n.º 7. *Insularidades*, Revista de Estudos Lusófonos da Universidade da Madeira, 11-43. ISSN 1647-3965.

Insularidades linguísticas, geográficas e socioculturais: variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira

Naidea Nunes Nunes
Universidade da Madeira/UMa-CIERL
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
naidean@staff.uma.pt

RESUMO

Pretendemos observar a variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira junto de estudantes madeirenses do ano letivo 2016-2017, que frequentaram o terceiro ano da licenciatura em Estudos de Cultura na Universidade da Madeira. Os informantes apresentam diferentes origens geográficas (localidades e concelhos) e socioculturais dentro da ilha da Madeira, sendo dez do concelho do Funchal (capital do arquipélago da Madeira, onde reside cerca de metade da população), doze de outros concelhos (principalmente de áreas rurais) e três que nasceram fora da Região Autónoma da Madeira (RAM), nomeadamente dois na Venezuela e um em Inglaterra. Aplicámos um inquérito semântico-lexical aos estudantes na unidade curricular de Práticas de Investigação em Estudos de Cultura, de forma a aferir o conhecimento do léxico em estudo. O inquérito é constituído por uma primeira parte de identificação do informante: género, idade, escolaridade, profissão, naturalidade, incluindo a dos pais e dos avós, assim como contactos linguísticos. A segunda parte do inquérito apresenta uma lista de palavras e expressões de forma a testarmos o seu (re)conhecimento e uso. Os resultados obtidos mostram que não existem diferenças significativas no conhecimento e uso semântico do léxico testado por localidades e por género (nem mesmo por idade, no caso das três mulheres mais velhas, duas delas já com frequência de ensino superior anteriormente na RAM). Esta continuidade linguística entre as variedades urbana do Funchal e rural das outras áreas geográficas da ilha dever-se-á ao facto de as localidades representadas da capital serem sobretudo zonas periféricas, rurais até há poucos anos, logo mais conservadoras, por oposição ao centro, mais aberto a contactos linguísticos com o exterior. Por outro lado, demonstrará um sentimento de identidade e de pertença linguística e sociocultural dos inquiridos ao Português falado na ilha da Madeira.

Palavras-chave: ***Português Falado na Ilha da Madeira, Linguística Sociocultural, Léxico Diferencial, Semântica Lexical e Cognitiva, Variação Semântica e Lexical.***

ABSTRACT

We intend to see the semantic variation of some of Madeira's differential lexis with Madeiran students who have attended the third year of the Madeira University Cultural Studies Degree during the 2016-2017 academic year. The informants came from different geographic (parishes and municipalities) and socio-cultural origins in Madeira Island. Ten were from the municipality of Funchal (the capital of the Madeira archipelago, where about half of the population lives), twelve were from other municipalities, mainly in rural areas, and three of them were born outside the Autonomous Region of Madeira, namely two in Venezuela and one in England. We applied the semantic-lexical survey to students in the Research Practices in Cultural Studies Course, in order to assess their knowledge of the lexis under study. The survey consists of a first part with

the informant's identification: gender, age, schooling, profession, place of birth, including the place of birth of both parents and grandparents, as well as language contacts. The second part of the survey presents a list of words and phrases so as to test their (re)cognition and usage. The results show that there are no significant differences in the cognition and semantic use of the lexis tested by place (municipality) and gender, not even by age (in the case of the three elder women, two of them had previously attended higher education). There is, therefore, continuity between Funchal and the remaining geographical areas of the island, in this particular case perhaps due to the fact that the areas represented in the municipality of the capital are more peripheral, thus more conservative and rural up to a few years ago, as opposed to the centre with more linguistic contacts with the outside. On the other hand, it seems to show the consciousness of identity and sense of linguistic and socio-cultural belonging of respondents to the Portuguese spoken in Madeira Island.

Keywords: *Portuguese spoken in Madeira Island, Sociocultural Linguistics, Differential Lexis, Lexical and Cognitive Semantics, Semantic and Lexical Variation.*

Neste estudo, pretendemos observar algumas particularidades semânticas e lexicais do Português falado na ilha da Madeira, a partir de um *corpus* escrito resultante da aplicação de um inquérito a estudantes universitários madeirenses do ano letivo 2016-2017, que frequentaram o terceiro ano da licenciatura em Estudos de Cultura na Universidade da Madeira. Os 25 informantes apresentam diferentes origens geográficas (localidades e concelhos) e socioculturais dentro da ilha da Madeira, sendo 10 do concelho do Funchal (capital do arquipélago da Madeira, onde reside cerca de metade da população), 12 de outros concelhos (principalmente de áreas rurais) e 3 que nasceram fora da Região Autónoma da Madeira (RAM), nomeadamente 2 na Venezuela e 1 em Inglaterra (filhos de migrantes madeirenses com a maior parte da escolarização feita na ilha). Deste modo, constitui uma amostra da realidade madeirense, embora com limitações, designadamente por não incluir todos os concelhos da RAM e por termos um número limitado de informantes em algumas áreas geográficas (uma vez que o estudo foi realizado com o grupo de estudantes referido). Porém, será proporcional à distribuição da população na ilha da Madeira, onde temos 104.628 habitantes no concelho do Funchal e 149.997 nos restantes concelhos, de 254.622 residentes em 2018 (*Pordata*, 2018: 8).

No âmbito da lexicografia dita diferencial ou diatópica, por oposição à lexicografia geral, visamos atestar a existência, uso e vitalidade de vocábulos e expressões, bem como de aceções regionais madeirenses, à luz do conceito da “situacionalidade sociocultural do significado” (que elucidaremos adiante), dando conta de algumas particularidades linguísticas existentes na ilha da Madeira. Trata-se de uma pequena contribuição para o estudo da configuração lexical e semântica do Português falado na ilha da Madeira,

através do (re)conhecimento e uso do léxico diferencial, ou seja, dos regionalismos madeirenses testados no inquérito aplicado aos informantes. Além da variação interna (semântica e lexical) destes, documentámos a sua variação externa, geográfica e sociocultural (principalmente de género, visto que os inquiridos têm praticamente todos a mesma faixa etária e nível de escolaridade, com exceção de 3 mulheres mais velhas, duas delas já com bacharelato feito anteriormente na RAM), tanto no concelho do Funchal como noutros concelhos (sobretudo rurais). Estas diferentes origens geográficas e as vivências mais rurais ou urbanas a elas associadas (variáveis extralinguísticas de urbanidade vs. ruralidade), assim como a variável sociocultural de género ou sexo (homem vs. mulher), podem acarretar variação no conhecimento e uso de determinadas unidades lexicais e respetivos significados. Para o estudo desta correlação entre língua, geografia, sociedade e cultura, utilizámos a metodologia de recolha de dados do inquérito, de forma a testar o conhecimento e emprego, com exemplos de uso, dos vocábulos, recolhendo as definições das palavras e/ou as explicações metalinguísticas fornecidas pelos falantes, o que constitui o *corpus* lexical analisado.

1. Enquadramento teórico-conceitual

Podemos enquadrar este estudo lexical do Português falado na ilha da Madeira dentro da área da Linguística Sociocultural, pois centra-se no (re)conhecimento e uso de regionalismos madeirenses, tendo em conta a variável de género, a par da variável geográfica (localidade e/ou concelho), refletindo a realidade linguística e sociocultural da ilha da Madeira.

A Linguística Sociocultural surge após Edward Sapir (1929) ter recomendado que a análise linguística deveria ir além da diacronia e do estudo formal ou estrutural da língua, apelo reforçado por Hymes (1964), e na sequência do desenvolvimento da Sociolinguística, da Psicolinguística (e da Etnolinguística), que chamam a atenção para a interação social e a cognição humana. Bucholtz & Hall (2005: 586), a propósito da questão da identidade linguística, posicionam o seu trabalho no âmbito da Linguística Sociocultural: “the broad interdisciplinary field concerned with the intersection of language, culture, and society”. Trata-se de uma perspetiva interdisciplinar, incluindo a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva, mas também a Cultura Popular ou Tradicional, entre outras. A abordagem linguística é vista como inseparável do seu contexto sociocultural, ou seja, tem em conta as funções e os significados sociais e culturais no uso da língua.

Enquadramos também este trabalho no âmbito do léxico diferencial. Foi Pierre Rézeau, com o *Dictionnaire des Régionalismes de France* (DRF), quem criou o padrão e sistematizou a metodologia da lexicografia diferencial científica, como escreve Heinz (s/d, 195):

Non seulement parce qu'il respecte les meilleures standards de la lexicographie générale – cela va de soi – mais surtout parce qu'il a crée les standards de la lexicographie différentielle scientifique. En fait, le DRF fait dialoguer ces deux formes de lexicographie au benefice d'une meilleure description, générale tant que différentielle, du français de France.

Refere que a lexicografia das variedades regionais do Francês nasceu, como género e como tradição, em 1983, com a obra de Gaston Tuaillon sobre Vourey, seguida pelo próprio Rézeau em 1984 com o *Dictionnaire des Régionalismes de l'Ouest entre Loire et Gironde*, consagrado a uma grande região, sendo o primeiro verdadeiro lexicógrafo regionalista francês. No DRF, Rézeau compila as variantes regionais do Francês contemporâneo em França, incluindo as respetivas variantes gráficas, com a colaboração de lexicógrafos e reconhecidos regionalistas como Jean-Pierre Chambon, Jean-Paul Chauveau e André Thibault. Como dicionário diferencial (relativo a uma ou mais diferenças), não se interessa pelo denominador comum que é o Francês de referência, mas pelas diferenças ou particularidades lexicais das regiões. A seleção dos vocábulos ou entradas lexicais fundamenta-se em inquéritos com testes de reconhecimento para confirmar o emprego real das palavras e expressões, aferindo a sua difusão enquanto variantes lexicais do Francês por regiões. A seleção das variantes lexicais regionais teve como primeiro critério o facto de a forma, o significado e o referente que designam não serem conhecidos em todo o país, não fazendo parte do Francês padrão, entre outros critérios, incluindo o de entradas lexicais cuja forma existe no Francês de referência, mas cujo sentido é restringido regionalmente. Posto isto, apresenta uma grande riqueza informativa da língua, através das suas variantes regionais, com um comentário geográfico e histórico, baseado na documentação lexicográfica e linguística, para a compreensão da variação semântica e lexical. Os exemplos de uso apresentam a respetiva fonte, sendo autênticos ou construídos (sob forma de frases curtas ou de sintagmas frequentes).

Para o estudo da variação semântica e lexical, necessitamos recorrer aos conceitos de semântica lexical e cognitiva (a experiência ou conhecimento do mundo enquanto representação mental do significado da palavra). Ao longo do tempo, surgiram diferentes abordagens da semântica: a semântica estruturalista, que vê a língua como um sistema autónomo (sendo que o significado de um vocábulo existe pelo seu valor distintivo face a outros, ou seja, não se define como realidade isolada mas em relação com outras palavras); a semântica referencial, em que uma palavra remete para o seu referente (a língua referencia o mundo); e a semântica cognitiva, em que a língua referencia o mundo por intermédio da mente, “le langage est une partie intégrée de la cognition humaine” (Langacker, 1987), isto é, a construção de sentido surge das atividades mentais cognitivas. Sabemos que uma unidade lexical, palavra ou expressão, é multidimensional, congregando várias informações, enquanto realidade complexa. A sua definição pode partir da etimologia e evolução da palavra para chegar ao seu significado. Assim, podemos classificar um vocábulo, tendo em conta a sua origem e uso, como usual ou corrente, arcaísmo, populismo, neologismo e empréstimo (Rebelo & Nunes, 2016).

A semântica lexical estuda os significados das palavras de uma língua. Uma palavra tem um sentido referencial e um sentido diferencial; um sentido denotativo e um conotativo, isto é, existem múltiplas dimensões do sentido ou significado de uma palavra. A variação semântica é manifestada através dos usos do vocábulo. Logo, a identidade semântica de uma unidade lexical é uma configuração operacional de propriedades e a variação é um conjunto regular de empregos e suas interpretações. As relações semânticas entre as unidades lexicais são de: sinonímia (palavras com formas diferentes, mas com o mesmo significado ou semelhante, que podem ser usadas para definir uma palavra, em vez de uma paráfrase explicativa), homonímia (palavras com a mesma forma mas que são diferentes), antonímia (a palavra com o significado contrário ou oposto), hponímia/hiperonímia (relação hierárquica entre uma palavra e outra mais geral), meronímia (relação parte todo), polissemia (uma mesma palavra apresenta vários significados, podendo ser um deles da língua geral ou norma padrão e outro específico de uma região ou lectal) e colocações ou correlatos (palavras que ocorrem na proximidade de outras ou palavras que apresentam afinidades e tendem a aparecer juntas, por exemplo “argumento de peso”). O estudo de palavras isoladas é diferente do estudo de palavras em contexto porque este, geralmente, desambigua o significado da palavra. Em contexto, a interpretação da palavra, quando tem vários significados (homonímia e polissemia), acontece de forma mais fácil. Surge, assim, a questão da unidade da palavra: em caso de

homonímia, estamos perante várias palavras com entradas lexicais diferentes no dicionário, enquanto no caso da polissemia a unidade da palavra existe. Daí termos uma só entrada lexical ou lema subdividido em várias aceções ligadas por relações semânticas – significado abstrato/concreto, metonímia, extensão, analogia, figurado, etc. As propriedades pertinentes ou definitórias são aquelas através das quais um significado se distingue de outros: o conteúdo de uma unidade lexical estabelece-se por distinção com o conteúdo de outras unidades lexicais.

Numa definição, existem propriedades genéricas (comuns a outros referentes dentro de uma mesma categoria semântica a que pertencem) e propriedades específicas (em que os elementos duma mesma categoria se distinguem uns dos outros). Uma unidade lexical (simples ou complexa) corresponde a um semema ou conteúdo semântico da unidade lexical que tem por base um sema, propriedade semântica ou constituinte do conteúdo semântico da unidade lexical. Mas esta realidade não é assim tão linear e simples como pode parecer, visto que há a denotação (propriedades inerentes aos referentes) e a conotação (propriedades que podem ser associadas a uma unidade lexical por algum locutor ou grupo de locutores), podendo vir a ser um neologismo semântico que passa a integrar a língua. Surge, então, a polissemia associada às metáforas e metonímias, processos de generalização e especificação, objeto de estudo da semântica cognitiva, revelando a multiplicidade de dimensões dos significados de uma palavra. Por isso, a definição do conteúdo semântico de uma palavra, muitas vezes, depende do seu contexto e o conceito de semântica lexical é essencial, no sentido em que existe uma invariância funcional (sentido) e variação semântica (significado) das unidades lexicais. Segundo Daniel Lebaud (2004), o significado de uma palavra, o seu valor referencial, é o resultado de uma interação com o seu contexto global num enunciado ou numa sequência. Por conseguinte, o sentido de uma unidade é necessariamente mais abstrato – a sua formulação é uma elaboração metalinguística – do que os significados que pode assumir. Daí a necessidade de recorrer ao exemplo, já que o emprego supostamente exemplar de uma classe de usos permite a formulação de um significado.

Silva (2010), no quadro teórico da Linguística Cognitiva, mostra a natureza conceptual, dinâmica e enciclopédica do significado lexical, a partir de três perspetivas interligadas: significado na mente (focando o fenómeno da polissemia), significado na cultura (evidenciando as especificidades culturais dos conceitos lexicais) e significado na sociedade (mostrando os significados sociais da variação lexical). Especifica que, na semasiologia, existem vários sentidos das palavras (polissemia), as suas relações

(metáfora, metonímia, generalização, especialização) e prototipicidade (centro vs. periferia), enquanto da onomasiologia fazem parte os itens lexicais e as suas relações (campos lexicais, taxinomias, quadros, hiponímia, meronímia, sinonímia, antonímia), diferenças de saliência entre categorias, incrustamento e nível básico, segundo o mapa conceptual da semântica lexical. Sobre o facto de dois usos de uma palavra representarem significados diferentes, Silva (2010) levanta a questão de quantos significados tem um vocábulo, respondendo que este é um problema cognitivo, característico da própria instabilidade da polissemia e da flexibilidade do significado. Indica que basta fazer uma análise detalhada dos sentidos de uma palavra para concluir sobre a espantosa flexibilidade semântica das palavras, as nuances e adaptações que ocorrem em contextos específicos, a variabilidade e a mudança inevitáveis, a ausência de significados “essenciais” e a impossibilidade de reduzir o significado das palavras a algum núcleo essencial, isto é, a impossibilidade de definições “essencialistas”.

Posteriormente, questiona de onde vem esta flexibilidade do significado e responde que o significado tem de representar o mundo e esse mundo é uma realidade em mudança. Portanto, novas experiências implicam que adaptemos as nossas categorias a transformações das circunstâncias e que deixemos lugar para nuances e casos desviantes. Acrescenta que outra resposta menos direta é reconhecer que a prototipicidade é um dos seus maiores efeitos, isto é, a polissemia ilustra três tendências do sistema cognitivo: a densidade informativa (categorias prototípicas e polissémicas permitem máxima informação com o mínimo esforço cognitivo); a flexibilidade (o sistema categorial deve ser suficientemente flexível para se adaptar a novas circunstâncias); a estabilidade estrutural (o sistema categorial só pode funcionar eficientemente se manter a sua organização geral por algum tempo, se não se alterar drasticamente sempre que uma nova informação tenha que ser incorporada).

Assim, segundo Silva (2010: 34), os protótipos têm um duplo efeito, aparentemente contraditório – adaptamos a categoria a novos contextos (flexibilidade) e interpretamos novas realidades com base em conhecimento prévio (estabilidade). Esta declaração explica a variação semântica do léxico diferencial na ilha da Madeira, tal como noutras regiões dentro do território português. O autor prossegue com os problemas representacionais da polissemia, face à flexibilidade do significado, mencionando “o nível dos usos contextuais específicos, psicologicamente mais reais, para o nível dos efeitos de prototipicidade”. Afirma que esta perspetiva polissémica é defendida pela maior parte dos semanticistas cognitivos, mas que é importante encontrar significados

esquemáticos e outros fatores de coerência semasiológica, dando conta da inevitável flexibilidade e variabilidade do significado: “é necessário procurar o significado esquemático de uma palavra, sem, todavia, o considerar como o significado essencial ou a condição necessária e suficiente, e ao mesmo tempo analisar os usos contextuais particulares, sem todavia exagerar as diferenças de sentido” (2010: 35). Salienta a importância da identificação dos mecanismos cognitivos básicos de mudança semântica e de polissemia (que associam os diferentes sentidos de uma palavra): a metáfora (transferência de um domínio da experiência para outro distinto) e a metonímia (relação mental de contiguidade entre objetos ou conceitos), juntamente com a especialização e a generalização de significados. Estes mecanismos cognitivos ocorrem no vocabulário madeirense em estudo, originando mudanças semânticas e polissemia e, consequentemente, variação no significado das palavras.

No que se refere ao significado lexical na cultura: especificidades culturais e históricas do significado, Silva (2010) informa que o significado tem origens especificamente culturais e históricas, logo não universais, dado que a cognição, linguagem e significado estão situados num contexto sociocultural. Por esta razão, esquemas imagéticos, metáforas e metonímias envolvem especificidades culturais. Sobre o significado na sociedade e no discurso: estereótipos, normas semânticas e variação lectal, diz que se constroem na interação social, ou seja, os nossos conceitos, significados e realidades são produto de mentes individuais em interação entre si e com os contextos físicos, socioculturais, políticos, morais, etc. Pois, “qualquer língua é um *diassistema* social e o conhecimento semântico é desigualmente distribuído pelos membros de uma comunidade linguística” (Silva, 2010: 37). De acordo com Silva (2010), a ideia crucial é a de que existem mecanismos sociocognitivos que garantem a coordenação semântica dentro de uma comunidade linguística e forças que determinam a distribuição de interpretações e, inclusive, permitem alterar a distribuição existente. Portanto, o fator sociocultural é fundamental para compreendermos a variação semântica e é inseparável da realidade histórica e geográfica, neste caso da ilha da Madeira. Conclui que a melhor manifestação da dinâmica social do significado é a variação linguística, mais especificamente a variação intralinguística ou variação lectal, sendo que o termo *lectal* designa todos os tipos de variedades linguísticas ou *lectos* (dialetos, variedades nacionais, socioletos, registos, estilos).

Deste modo, chama à atenção para o facto de o significado não-denotacional compreender quatro subtipos: *significado emotivo* (de termos pejorativos, por exemplo),

significado regional (de termos regionais), *significado estilístico* (de termos populares ou eruditos, formais ou informais) e *significado discursivo* (presente em formas de tratamento, por exemplo; significado único em determinadas expressões como interjeições e marcadores discursivos). Os sinónimos denotacionais evidenciam diferenças regionais, sociais, estilísticas e pragmático-discursivas e são essas diferenças que motivam a própria existência e competição de variedades de uma língua. É este quadro teórico da Linguística Sociocognitiva e da variação lectal que melhor descreve a complexidade e a especificidade do léxico diferencial madeirense estudado, sendo fundamental para explicar como “os significados das palavras são categorias da nossa experiência individual, coletiva e histórica. Como categorias usadas para dar sentido ao mundo, os significados das palavras são dinâmicos e flexíveis” (Silva, 2010: 43) e não podem ser separados das diferentes formas de conhecimento do mundo. Posto isto, o significado lexical é enciclopédico e envolve conhecimento do mundo adquirido em interação com outras capacidades cognitivas.

Neste sentido, os mecanismos cognitivos estão subjacentes ao significado lexical *situado* num contexto sociocultural e esta “situacionalidade sociocultural” codetermina o significado lexical, uma vez que as metáforas, esquemas imagéticos e outros modelos cognitivos têm origens histórica e culturalmente específicas. Silva (2010) defende que a Semântica Cognitiva deve integrar mais sistematicamente a “situacionalidade sociocultural do significado” e metodologias de *corpus* quantitativas e multivariacionais. Este estudo da variação semântica de algum léxico diferencial madeirense parte deste conceito da “situacionalidade sociocultural do significado”.

2. Metodologia do estudo

O inquérito semântico-lexical utilizado, enquanto método de recolha de dados, tem uma primeira parte destinada ao perfil sociocultural do informante, solicitando informações sobre a sua idade, sexo, naturalidade, origem dos pais e avós maternos e paternos, escolaridade, profissão e contactos linguísticos. A segunda parte é constituída por um quadro em que, na primeira coluna, fornecemos uma lista de 40 vocábulos e expressões madeirenses descontextualizados, questionando, na segunda coluna, os falantes sobre os seus significados e, numa terceira coluna, pedindo exemplos de uso. A descontextualização das unidades lexicais deve-se ao facto de pretendermos recolher a variação de significados, tendo em conta as experiências cognitivas, sociais e culturais, dos informantes.

Neste caso, para a aplicação do inquérito, não foi necessário seguir a metodologia dialetal de estabelecimento de uma rede de pontos de inquérito nos diferentes concelhos da ilha, assim como também não seguimos o critério de contemplar informantes idosos e pouco escolarizados, representativos dos falares locais. Pois, a amostra de informantes utilizada para este estudo é composta por 25 estudantes dos cursos de Estudos de Cultura da Universidade da Madeira, diurno e pós-laboral, com diferentes origens geográficas e socioculturais dentro da ilha da Madeira. Estes pertencem a oito diferentes concelhos: Funchal (F), Santa Cruz (Camacha - CSC - e Caniço - CaSC), Câmara de Lobos (Estreito de Câmara de Lobos - ECL), Machico (Porto da Cruz – PCM - e Machico - Mac), Calheta (Cal), Ponta do Sol (Canhas - CPS), S. Vicente (SV), Santana (S. Jorge - SJS), faltando a representação dos concelhos da Ribeira Brava, do Porto Moniz e do Porto Santo.

Destes, dez estudantes são do Funchal: freguesias de S. Roque (SRF), Santo António (SAF), Monte (MF), Santa Maria Maior (SMMF) e Imaculado Coração de Maria (ICMF). Doze estudantes são dos outros concelhos, principalmente de áreas rurais, e três nasceram fora da Madeira, nomeadamente dois na Venezuela (Ven) e um em Inglaterra (Ing), territórios de emigração madeirense, sendo que os pais e avós deles são do Porto da Cruz (Machico), de Santo António (Funchal) e da Boaventura (S. Vicente). O facto de termos quase igual número de informantes do Funchal e dos outros concelhos é proporcional ao facto de a maior parte da população madeirense residir na capital da RAM.

Do ponto de vista sociolinguístico, não tivemos em conta todos os estratos sociais, com as respetivas faixas etárias e níveis de escolaridade, devido às especificidades da amostra já referidas. Deste modo, o grupo de estudantes que constitui a amostra pertence ao mesmo nível de escolaridade (3 - superior), sendo maioritariamente da faixa etária A (dos 18 aos 35 anos), embora, no grupo do curso pós-laboral, tivéssemos 3 informantes da faixa etária B (dos 36 aos 55 anos). Da amostra fazem parte 10 homens (H) e 15 mulheres (M). Apesar de não termos um número paritário de informantes dos dois géneros, a amostra será representativa da realidade madeirense. Na tabela I, podemos observar os perfis socioculturais dos informantes.

Tabela I: Perfis socioculturais dos informantes

Identificação do informante	Localidade	Origem dos pais e avós	Género / sexo	idade	Escolaridade	profissão
CSC1_HA3	Camacha (SC)	Camacha (SC)	H	23	3º ano Lic.	estudante
Ven2_MA3	Venezuela (VE, onde viveu 9 anos)	Pais e avós do Porto da Cruz (Mac)	M	27	3º ano Lic.	estudante
SRF3_HA3	São Roque (F)	Pai de SRF e mãe de SMF	H	22	3º ano Lic.	estudante

SAF4_HA3	Santo António (F)	Pai de CL e mãe de SAF (avô materno da Fajã da Ovelha, Cal)	H	20	3º ano Lic.	estudante
CSC5_HA3	Camacha (SC)	Camacha (SC)	H	23	3º ano Lic.	estudante
CaSC6_HA3	Canico (SC)	Pai da CSC e mãe do CaSC	H	21	3º ano Lic.	estudante
SAF7_MA3	Santo António (F)	Pai do Campanário (RB) e mãe de SAF	M	20	3º ano Lic.	estudante
ECL8_MA3	ECL	Pai de SJS e mãe de CL	M	22	3º ano Lic.	estudante
MF9_MA3	Monte (F)	Pai de Mac e mãe do F	M	20	3º ano Lic.	estudante
PCM10_MA3	Porto da Cruz (Mac)	Pais e avós do PCM	M	21	3º ano Lic.	estudante
Cal11_MA3	Calheta (Cal)	Pai da Cal, mãe nasceu na Ven, avós da Cal	M	21	3º ano Lic.	estudante
MF12_MA3	Monte (F)	Pai de SMF, mãe do MF	M	22	3º ano Lic.	trabalhadora estudante
CPS13_HA3	Canhas (PS)	Mãe da PS e pai de São Tomé e Príncipe, avós maternos da PS e SV	H	20	3º ano Lic.	estudante
Mac14_MA3	Machico	Machico	M	27	3º ano Lic.	rececionista
SMMF15_HA3	Santa Maria Maior (F)	Santa Maria Maior (F)	H	23	3º ano Lic.	estudante
SV16_MA3	São Vicente	São Vicente	M	23	3º ano Lic.	empregada de consultório
Mac17_MA3	Machico	Machico	M	25	3º ano Lic.	desempregada
Cal18_MB3	Calheta	Calheta	M	46	Licenciatura	assistente social
ICMF19_MB3	Imaculado Coração de Maria (F)	Pai de Mac e mãe do F, avós maternos da Tabua (RB)	M	46	Bacharelato em Turismo	guia turística (com curso de Turismo)
Ven20_HA3	Venezuela	Pais e avós de SAF	H	24	3º ano Lic.	rececionista num <i>Rent a Car</i>
Ing21_HA3	Inglaterra (Londres)	Pais e avós da Boaventura (SV)	H	22	3º ano Lic.	estudante
SAF22_HA3	Santo António (F)	Pais do F e avós de SR do Faial, MF e Ponta Delgada (SV)	H	23	3º ano Lic.	estudante
SMMF23_MA3	Santa Maria Maior (F)	Pai da PS e mãe do F	M	22	3º ano Lic.	animadora de turismo nos hotéis
SJS24_MA3	S. Jorge (Santana)	S. Jorge (Santana)	M	23	3º ano Lic.	estudante
SAF25_MB3	Santo António (F)	Santo António (F)	M	49	Bacharelato em Educação	professora do 1º Ciclo (EB)

3. Análise dos dados

Da aplicação dos inquéritos resultou a constituição do *corpus* escrito para análise linguística. Os dados recolhidos permitem-nos observar a existência de variação semântica e lexical no (re)conhecimento e uso dos regionalismos madeirenses estudados. Assim, a par do significado tradicional destas palavras e expressões, averbado em vocabulários madeirenses e dicionários da Língua Portuguesa, documentámos novos significados, ainda não dicionarizados, fornecidos pelos falantes, que surgem nas definições dadas (sobretudo através de sinónimos da língua padrão, mas também de outros regionalismos). A sistematização das respostas obtidas permitiu assinalar os significados tradicionais ou esperados e os respetivos exemplos de uso, distinguindo-os dos outros, aceções diferentes ou novos significados atestados.

Começamos por apresentar os resultados globais obtidos, designadamente os vocábulos mais conhecidos e usados pelos informantes da amostra: *(ar)rejeiras*, *baboseira*, *busico*, *cachada*, *cieiro* (todos os exemplos de uso com o significado

tradicional), *grogue/meio-grogue* (apenas duas aceções diferentes do esperado, “bêbado” em vez de “porção de bebida alcoólica”), *passadas* (apenas 2 informantes parecem desconhecer o significado regional, indicando o padrão), *palheiro* (4 informantes indicam a aceção tradicional, sendo que a informante do Porto da Cruz dá também uma outra aceção regional da palavra, “tipo de galináceo pequeno”, enquanto os restantes registam a evolução semântica da palavra de estábulo de vacas para abrigo de cabras e galinhas e armazém, bem como “casa de campo”, a par de “casa pobre”, semelhante a um *palheiro*), *tapassol* (a maior parte dos falantes conhece o significado tradicional, poucos referem novas aceções por metonímia de função), *terreiro* (também são poucos os que mencionam significados diferentes do registado nos vocabulários madeirenses de referência, por especificação “terraço” ou por generalização “terreno plano em frente da casa”, porém todos os exemplos de uso são com a aceção tradicional), *tím-tam-tum* (com dois significados diferentes, um por especificação e o outro por confusão, sendo que todos os exemplos de uso são com a aceção esperada), *trapiche* (predomina a aceção tradicional, surgindo diferentes definições da palavra por extensão semântica, com apenas um exemplo de uso), *trapichento* (com duas aceções de “louco” e, por generalização, “mal-arranjado”, “rabugento”, “caprichoso”, “que arma confusão”) e *tratuário/trotoário* (16 informantes indicam a aceção esperada, com 9 exemplos de uso, e apenas um informante atesta “berma”, por generalização do significado).

No que diz respeito aos termos medianamente conhecidos, podemos indicar as palavras: *charola* (com 6 exemplos de uso e apenas 1 significado diferente), *cangueira* e *asservado/a* (as 6 respostas obtidas apresentam respetivamente apenas 1 e 2 exemplos de uso com significados distintos do tradicional), *babugem/babuginha* (dos 7 exemplos de uso, 3 são diferentes do esperado), *romagem* (dos 25 informantes, 5 fornecem o significado anteriormente documentado e os restantes atestam outras aceções por especificação – “romaria de Natal” e “canção na noite de Natal (na igreja)” –, ou por generalização – “festas folclóricas” e “excursão” –, com 2 exemplos de uso), *rajão* (com duas aceções diferentes do esperado, provavelmente por confusão com “rabeca” e “rajada”), *embeçado* (a maior parte dos exemplos de uso são com o significado tradicional, havendo sempre uma relação semântica ou sociocognitiva entre este e as novas aceções), *mira* (dos 25 informantes, 10 dão o significado regional e 5 a aceção padrão), *corça/corsa* (apresenta 2 exemplos de uso com aceções que não correspondem ao significado esperado, “o meio de transporte rudimentar sem rodas usado na agricultura nas áreas montanhosas”, mas que se referem à realidade do carro de bois e do “carro de

cesto” do Monte que, embora não tenha rodas, é usado como meio de transporte de turistas do Monte para o Funchal, também chamado “carro do Monte”). Como podemos ver, as novas aceções surgem sobretudo através de processos de generalização ou de especificação e de metáfora ou de metonímia.

Os vocábulos e expressões, e respetivos significados, menos conhecidos e usados, estando claramente em desuso, são: *pangaio/a* (nome atribuído a um rapaz ou rapariga grande, mas com pouco juízo, que não foi reconhecido por nenhum dos informantes), *brinco/brinquinho* (em que documentámos apenas 2 significados tradicionais, em 7 exemplos de uso, sendo 5 com aceções padrão), *estar (n)um calhau* (“em desordem, desarrumado, confusão”, que os informantes apenas interpretaram literalmente como “estar na praia”, com a aceção regional de *calhau* como “praia”), *inção* (apenas com 2 exemplos de uso), *ementes*, *engamoer/esgamoer* e *estar fachado/a* (com 4 exemplos de uso cada). Relativamente a *matinar*, averbámos 6 exemplos de uso com o significado antigo face a 3 aceções padrão, enquanto para *matina* só a informante de S. Jorge diz usar o termo com o significado tradicional. Quanto a *pangueiro/a*, apenas 3 informantes indicaram o valor semântico esperado e somente uma mulher diz ainda usar a palavra. Para o vocábulo *passapalo*, registámos 4 definições e 2 exemplos de uso, enquanto para *papiar* documentámos o significado de “falar muito” (7 informantes) e 3 aceções distintas, sendo desconhecido para 13 inquiridos. A unidade lexical *sarrame* foi identificada apenas por 2 informantes: uma mulher do Porto da Cruz (Machico) que indicou a aceção tradicional e um homem do Funchal que forneceu um novo significado relacionado com o anterior.

3.1. Análise quantitativa

Em conformidade com os pressupostos de natureza metodológica adotados, apresentamos alguns resultados quantitativos específicos, obtidos na aferição da ocorrência ou não de variação semântica das unidades lexicais, tendo em conta os fatores de natureza extralinguística: origem geográfica e género dos inquiridos (incluindo as variáveis socioculturais de urbanidade vs. ruralidade) que podem condicionar o comportamento linguístico dos inquiridos, ou seja, o (re)conhecimento e uso do léxico diferencial madeirense.

A análise quantitativa dos dados deste estudo coloca alguns problemas estatísticos pelo facto de o número de informantes não ser homogéneo por localidades, nem por género (15 M e 10 H), o que se deve à amostra ser constituída pelo universo de estudantes

já mencionado. Contudo, os dados obtidos, de acordo com as variáveis externas controladas, são representativos da comunidade de fala estudada. As respostas múltiplas, com duplos significados fornecidos por um mesmo falante para uma determinada unidade lexical, por exemplo: *palheiro* “abrigo para animais” e “galináceo pequeno” (duas aceções madeirenses da palavra), tal como para *brinco/brinquinho* “arrecadas” e “brinquedo” ou “instrumento musical” (dando significados regionais e padrão), também dificultam o tratamento quantitativo dos dados.

Dos dados quantitativos gerais, obtidos por localidades e por género, destacamos os resultados mais significativos ou contrastantes de alguns itens lexicais e respetivas percentagens de respostas com significado tradicional e significado diferente vs. significado desconhecido, bem como dos vocábulos usados (vs. não usados), cruzados com as variáveis localidade ou origem geográfica (Funchal, outros concelhos e lusodescendentes) e género ou sexo (homens e mulheres). Ou seja, cada tabela apresenta a quantificação dos dados obtidos para um item lexical, por tipo de resposta, tendo em conta as diferentes origens geográficas e género dos inquiridos.

Tabela II - Resultados obtidos para o vocábulo *(Ar)rejeiras*

<i>(Ar)rejeiras</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	8 (3 H, 5 M)	7 (3 H, 4 M)	0	6	9	15	60%
Significado diferente	1 H	1 M	0	1	1	2	8%
Significado desconhecido	1 M	4 (3 M, 1 H)	3 (1 M, 2 H)	3	5	8	32%
Vocábulo usado	3 (1 H, 2 M)	5 (3 H, 2 M)	0	4	4	8	32%

(Ar)rejeiras é um termo antigo, usado para denominar os suspensórios, sobretudo das calças dos homens. Como podemos observar na tabela II, não há variação significativa na perceção do (re)conhecimento e uso da palavra pelos informantes, em termos quantitativos (expressos em percentagens), tanto por localidades como por género, apesar de apontarmos um aparente maior desconhecimento do vocábulo nas localidades fora do Funchal e pelos lusodescendentes e um maior conhecimento do seu significado tradicional por parte das mulheres (9 para 6 homens). No que se refere ao desconhecimento do significado da palavra, este parece ser maior fora do Funchal e por mais mulheres do que homens, embora tenhamos mais informantes femininos do que masculinos.

Tabela III - Resultados obtidos para o vocábulo *Baboseira*

<i>Baboseira</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	8 (3 H, 5 M)	9 (3 H, 6 M)	3 (2 H, 1 M)	8	12	20	80 %
Significado diferente	2 (1 H, 1 M)	3 (1 H, 2 M)	0	2	3	5	20 %
Significado desconhecido	0	0	0	0	0	0	0 %
Vocábulo usado	9 (4 H, 5 M)	10 (4 H, 6 M)	3 (2 H, 1 M)	10	12	22	88 %

Baboseira é um dos vocábulos mais conhecidos (80% com o significado tradicional e 20% com significado diferente mas relacionado) e usados (com 88% de exemplos de uso), tanto no Funchal como nas localidades dos outros concelhos, incluindo os lusodescendentes e apresentando poucas diferenças entre origem geográfica e género (apesar de as mulheres, em maior número, mostrarem conhecer e usar um pouco mais a palavra do que os homens). Quanto à variação interna de significados diferentes do tradicional, também é mínima, mesmo quando cruzando esta variável com as variáveis externas.

Tabela IV - Resultados obtidos para o vocábulo *Bambote*

<i>Bambote</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	1 M	1 M	0	0	0	2	8 %
Significado diferente	0	0	0	0	0	0	0 %
Significado desconhecido	10 (4 H, 6 M)	10 (4 H, 6 M)	3 (2 H, 1 M)	10	13	23	92 %
Vocábulo usado	0	1 M	0	0	1	1	4 %

Em relação ao nome *bambote* (do Inglês *buy on boat*), é um termo associado aos *bamboteiros* que usavam um pequeno barco no porto do Funchal para vender artigos regionais aos visitantes da ilha que chegavam de navio, o que originou os usos da palavra com os significados de “pequeno barco” e de “bandido” ou “malandro” (aceção conhecida e usada sobretudo nos meios rurais). Neste caso, as mulheres revelam ser mais conservadoras do que os homens, visto que duas identificaram os significados da palavra, sendo que apenas a informante do Porto da Cruz diz usar a palavra com a aceção de

“bandido”, fornecendo o respetivo exemplo de uso. Trata-se de um vocábulo desconhecido para 23 (92%) dos inquiridos.

Tabela V - Resultados obtidos para o vocábulo *Brinco/Brinquinho*

<i>Brinco/ Brinquinho</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	4 (1 H, 3 M)	3 M	1 H	2	6	8	32 %
Significado diferente	3 H	4 (2 H, 2 M)	1 M	5	3	8	32 %
Significado desconhecido	3 M	5 (1 H, 4 M)	1 H	2	7	9	36 %
Vocábulo usado com significado tradicional	1 H	1 M	0	1	1	2	8 %

O vocábulo *brinco/brinquinho* apresenta dois significados tradicionais: “instrumento musical popular madeirense” e “brincadeira” ou “grupo de pessoas que se juntam para tocar e cantar, visitando várias casas”. Esta última aceção da palavra apenas foi indicada pela mulher do Porto da Cruz, área rural mais conservadora. No reconhecimento do significado tradicional como instrumento musical, há pouca variação quanto à localidade ou origem geográfica, assim como ao género dos informantes (embora as mulheres se destaquem ligeiramente). Os dados relativos ao desconhecimento do termo revelam igualmente pouca variação entre localidades e género (com ligeira diferença entre o Funchal e os outros concelhos e entre homens e mulheres).

Tabela VI - Resultados obtidos para o vocábulo *Charola*

<i>Charola</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	2 (1 H, 1 M)	5 (2 H, 3 M)	0	3	4	7	28 %
Significado diferente	3 (2 H, 1 M)	3 M	1 M	2	5	7	28 %
Significado desconhecido	4 (1 H, 3 M)	5 (2 H, 3 M)	2 H	5	6	11	44 %
Vocábulo usado com significado tradicional	2 (1 H, 1 M)	3 (2 H, 1 M)	0	3	2	5	20 %

Charola é um regionalismo semântico madeirense com a aceção de “armação de arame coberta de legumes e outras oferendas para a igreja”, sendo típica das festas religiosas.

Nos resultados apresentados na Tabela VI, podemos verificar que o vocábulo é reconhecido, na sua aceção tradicional, apenas por 2 falantes do Funchal e 5 de outros concelhos, sem grande variação no que se refere à variável género, sendo igualmente 7 (28%) os informantes que indicam significados diferentes do esperado (2 H e 5 M). O termo é desconhecido para 11 informantes, 44% dos inquiridos (5 H e 6 M).

Tabela VII - Resultados obtidos para o vocábulo *Matina*

<i>Matina</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	2 (1 H, 1 M)	6 (1 H, 5 M)	0	2	6	8	32 %
Significado diferente (padrão)	6 (2 H, 4 M)	3 (2 H, 1 M)	1 H	5	5	10	40 %
Significado desconhecido	2 (1 H, 1 M)	3 (1 H, 2 M)	2 (1 H, 1 M)	3	4	7	28 %
Vocábulo usado com significado tradicional	0	1 M	0	0	1	1	4 %

Matina, com a aceção de “pequeno-almoço”, será um arcaísmo conservado na Madeira. Neste caso, há diferenças significativas nos valores quantitativos entre o (re)conhecimento da palavra no Funchal por 2 informantes (1 H e 1 M) e nos outros concelhos por 6 inquiridos (1 H e 5 M). Muitos informantes referem a aceção padrão da palavra e o desconhecimento desta é quase idêntico entre os falantes do Funchal e de outras origens geográficas. Entre os dois géneros, no reconhecimento do significado tradicional do vocábulo, a diferença é significativa: 6 mulheres e 2 homens, ou seja, as mulheres revelam maior conhecimento da palavra. Quanto ao uso do termo com o seu significado tradicional, apenas a mulher de S. Jorge diz usá-lo. Estes dados confirmam a tendência conservadora dos vocábulos antigos nas áreas rurais sobretudo do norte da ilha.

Tabela VIII - Resultados obtidos para o vocábulo *Palheiro*

<i>Palheiro</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total	%
Significado tradicional	1 H	6 (2 H, 4 M)	2 (1 H, 1 M)	4	5	9	36 %
Significado diferente	8 (3 H, 5 M)	4 (1 H, 3 M)	1 H	5	8	13	52 %
Significado desconhecido	1 M	2 (1 H, 1 M)	0	1	2	3	12 %

Vocábulo usado com significado tradicional	0	3 (2 H, 1 M)	2 (1 H, 1 M)	3	2	5 20 %
---	----------	---------------------	---------------------	----------	----------	---------------

No que respeita ao vocábulo *palheiro*, a diferença entre o reconhecimento do termo e o seu uso com o significado tradicional é evidente entre os inquiridos do Funchal e de outras origens geográficas. Apenas 1 falante no Funchal e 6 nos outros concelhos (2 homens e 4 mulheres) identificaram a palavra, que também foi reconhecida por dois lusodescendentes. Porém, a diferença é pouco significativa quanto à variável género, pois 5 mulheres e 4 homens identificaram a aceção tradicional do termo. Somente 5 falantes fornecem exemplos de uso do vocábulo com o significado esperado, 3 de fora do Funchal e 2 lusodescendentes.

Tabela IX - Resultados obtidos para o vocábulo *Romagem*

<i>Romagem</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total %
Significado tradicional	3 (1 H, 2 M)	2 (1 H, 1 M)		2	3	5 20 %
Significado diferente	4 (2 H, 2 M)	6 (2 H, 4 M)	2 (1 H, 1 M)	5	7	12 48 %
Significado desconhecido	3 (1 H, 2 M)	3 (1 H, 2 M)	1 H	3	4	7 28 %
Vocábulo usado	5 (2 H, 3 M)	3 (2 H, 1 M)	2 (1 H, 1 M)	5	5	10 40 %

A palavra *romagem* destaca-se pelo facto de 12 (48%) dos informantes indicarem significados diferentes do tradicional, embora sendo aceções correlacionadas entre si. Sobressai também o resultado de 40% no uso do vocábulo, com o significado tradicional e aceções diferentes.

Tabela X - Resultados obtidos para o vocábulo *Tratuário*

<i>Tratuário</i>	Funchal	Outros concelhos (localidades)	Lusodescendentes	Homens	Mulheres	Total %
Significado tradicional	8 (3 H, 5 M)	7 (2 H, 5 M)	1 M	5	11	16 64 %
Significado diferente	1 M	0	0	0	1	1 4 %
Significado desconhecido	1 H	5 (2 H, 3 M)	2 H	5	3	8 32 %

Vocábulo usado com significado tradicional	5 (3 H, 2 M)	3 (2 H, 1 M)	1 M	5	4	9 36 %
---	--------------	--------------	-----	---	---	--------

No caso do vocábulo *tratuário*, não documentámos grande diferença no seu conhecimento entre os inquiridos do Funchal e de outras origens geográficas. Quanto ao género, podemos sublinhar o maior reconhecimento da palavra por parte das mulheres em relação aos homens, embora não possamos esquecer o facto de a amostra ser constituída por 15 mulheres e 10 homens. Dos 16 informantes (64%) que dizem conhecer o vocábulo com o significado tradicional, 9 (36%) dizem usá-lo.

Assim, no que diz respeito à variável localidade, uma das primeiras constatações é o carácter conservador da localidade do Porto da Cruz, freguesia da costa norte do concelho de Machico, tendo fronteira com o concelho de Santana. Pois, a jovem informante desta localidade é a que mais vocabulário reconhece e usa, talvez por maior contacto com os avós e com o meio rural, estando os pais ainda muito ligados à terra e às suas tradições. De igual modo, a localidade de Machico (sede do concelho, já elevada a cidade) revela-se conservadora, provavelmente por ter sido, até há poucos anos, predominantemente rural, com as duas jovens informantes a identificarem e usarem muito do léxico diferencial em estudo.

Comparando a informante 24, da faixa etária A, natural de S. Jorge (concelho de Santana), com a informante 25, da faixa etária B, natural de S. António (concelho do Funchal), verificamos que a falante mais velha, embora seja de uma freguesia da capital do arquipélago da Madeira, por oposição a um concelho maioritariamente rural e com algum isolamento, na costa norte da ilha, conhece mais vocabulário do que a mais jovem (talvez por S. António ser uma zona alta do Funchal, área rural até há poucos anos). Todavia, como podemos observar, usa menos o vocabulário diferencial regional em relação à mais jovem (provavelmente por ser professora, exercendo a sua profissão no Funchal). O informante 6, jovem do género masculino, natural do Caniço, concelho de Santa Cruz, ao dar um exemplo de uso da palavra *busico*, usa um outro vocábulo conservado na Madeira: “Aquele *busico* passa o dia todo na *rotiça*”, variante fonética de *retoiça* (“brincadeira”), vocábulo não incluído no inquérito, que será um arcaísmo ou ruralismo.

Quanto à variável género ou sexo, como explica Freitag (2015: 17), é uma das categorias controladas para averiguar a “covariação entre língua e sociedade”. A autora

afirma que “os primeiros estudos apontaram a preferência das mulheres por variantes linguísticas com maior prestígio, assim como a maior sensibilidade feminina ao prestígio social das formas linguísticas”, variantes padrão e não-padrão. Ou seja, as mulheres mais escolarizadas dos meios urbanos preferem usar variantes normativas da língua face a outras marcadas como populares ou regionais. Refere a visão do género como uma construção social ou cultural. Pois, tal como a idade, é uma categoria biológica que determina papéis e expectativas sociais. Menciona Milroy e Nichols que sugerem que as diferenças de género na variação linguística são devidas às forças sociais em virtude do seu lugar na economia. Indica o paradoxo do género de Labov (2001), em que o comportamento linguístico das mulheres é mais conformista do que o dos homens, face a normas prescritas, mas menos conservador do que os homens face a normas não explícitas, isto é, variantes não-padrão com prestígio encoberto. Isto prova como as mulheres podem ser simultaneamente conservadoras ou inovadoras, nos estudos sociolinguísticos e de dialetologia regional. Freitag (2015) remete para Chambers que defende que as diferenças entre a fala dos homens e das mulheres não são atribuídas ao género em si, mas estão relacionadas com a amplitude dos contactos sociais ou geográficos, especialmente em situações de contacto linguístico rural/urbano, associado ao conceito de “rede social” ou hábitos de socialização dos indivíduos e do seu grau de envolvimento com a comunidade local. Acrescenta que o comportamento linguístico distinto entre homens e mulheres tende a desaparecer nas faixas etárias mais jovens, havendo uma neutralização da diferença de sexos entre os jovens, enquanto as mulheres mais velhas tendem a ser mais conservadoras no uso de variantes não-padrão, sobretudo se forem menos escolarizadas e/ou dos meios rurais. Logo, há uma interação entre as variáveis género, idade e escolaridade, mas também com a origem geográfica dos informantes. Sem esquecer o comportamento linguístico de uma comunidade de fala regional, com um sentimento de pertença a uma variedade geográfica da língua e identidade sociocultural própria, como é o caso da Madeira.

Apesar de não termos o mesmo número de informantes dos dois sexos, sendo difícil, por isso, comparar os dados obtidos, não encontramos diferenças significativas no (re)conhecimento e uso do vocabulário por parte de mulheres e homens. Porém, as mulheres parecem destacar-se como mais conservadoras, por exemplo em *bambote*, termo só reconhecido por 2 mulheres, com um exemplo de uso no Porto da Cruz. O nome *busico* é desconhecido apenas por dois homens, portanto as mulheres também se revelam mais conhecedoras deste vocábulo regional. A palavra *corça/corsa* é desconhecida por 6

homens e 6 mulheres, mas, como temos mais informantes mulheres, estas mostram ser mais conhecedoras do léxico tradicional madeirense. No caso de *cuscuzeiro*, o vocábulo também é mais conhecido por mulheres (8), face a 1 homem (talvez por ser um termo que denomina um instrumento de cozinha), e os significados diferentes do esperado são de 3 homens. O vocábulo *engamoer/esgamoer*, arcaísmo conservado no meio rural, foi reconhecido por 4 mulheres, enquanto a expressão *estar (n)um calhau* não foi reconhecida por nenhum dos informantes na sua aceção tradicional de “calhau da ribeira” (recolhida da boca de uma informante idosa de Machico, como transposição do estado da ribeira com muitas pedras, depois de uma tempestade, sendo claramente uma metáfora). No que se refere a *sarrame*, apenas a mulher do Porto da Cruz indicou o significado tradicional da palavra e um homem do Funchal averbou uma aceção diferente (semanticamente relacionada com a anterior) deste vocábulo antigo que tende a cair em desuso. Em relação à forma recente *trapichento/a*, formada a partir do nome *trapiche*, observamos que as mulheres são mais inovadoras do que os homens, pois são as únicas que reconhecem e usam o termo. Para *tratuário/trotoário*, o conhecimento e uso da palavra é praticamente idêntico nos dois géneros, sendo desconhecido apenas por 7 informantes (3 M e 4 H) em 25 inquiridos, com 9 exemplos de uso.

3.2. Análise qualitativa

A análise qualitativa dos dados recolhidos nos inquéritos permite-nos dar conta da variação semântica existente para cada uma das unidades lexicais. Começando pelas respostas à palavra *(ar)rejeiras*, a amostra documenta o seu significado tradicional “suspensórios”, indicado por informantes de diferentes localidades e concelhos. Apenas dois informantes atestam significados diferentes: “mangas do casaco” e “plantas”, sendo que, no primeiro caso, há uma relação semântica com o domínio do vestuário, enquanto no segundo parece não haver essa relação. Quanto ao vocábulo *asservado*, “quieto, sossegado, tranquilo, reservado”, obtivemos 6 respostas com este significado e 3 com aceções diferentes: “bem arranjado” e “pessoa correta”, havendo uma especialização semântica. Para “(a)zangalhar”, termo recolhido em conversa livre junto de madeirenses idosos do meio rural, com o significado de “agitar (um líquido)”, que incluímos no inquérito, foram registadas apenas 3 respostas: “dizer, falar”, “gozar” e “brigar/discutir”, nenhuma correspondente à definição esperada, talvez resultantes de um processo metafórico de passagem de um domínio concreto para outro com efeito semelhante, através da fala ou interação humana.

Relativamente a *baboseira*, documentámos o significado tradicional “(dar) mimos (em exagero/excesso)”, a par de “mimo”, juntamente com a definição para o adjetivo correspondente *baboso*, “pessoa (muito) mimada” e, consequentemente, “choro, lamúria sem razão”. No que diz respeito a *babugem/babuginha*, foi documentado o significado “superfície espumosa da água do mar”, mas também, por metonímia, “andar perto da margem”, “junto à costa/à maré”, “à margem, à beira da água (do mar)”, e ainda “perto do mar”, “leito do rio/mar” e “água parada”, mas também “perto de algo”, por generalização. A palavra *bambote*, com o significado de “bandido”, foi reconhecida por uma informante e outra identificou-a como “pequeno barco”, por metonímia, pelo facto de corresponder ao antigo comércio chamado de “bombote”, que existia no porto do Funchal. A aceção de “bandido, malandro”, possivelmente, provém do feito que os bomboteiros ou *bamboteiros* só trabalhavam quando havia navios, em contraste com o duro trabalho diário dos agricultores e de outras profissões. O vocábulo *brinco/brinquinho* foi identificado como “instrumento musical/regional/tradicional” ou “objeto usado no bailinho típico da Madeira” e “objeto das celebrações tradicionais madeirenses”, bem como “brincadeira; instrumento musical utilizado no bailinho”, a par de “arrecadas/arcadas” (“brincos”), “brinquedo (de criança)” e “uma prenda pequena”, tendo um informante fornecido ainda um outro significado padrão da palavra, “impecável, bonito”. Esta variação semântica deve-se sobretudo à coexistência do significado regional com os significados padrão.

O termo *busico*, também característico do registo oral, corresponde à aceção de “pequeno/criança (pequena)”, mas também “pessoa baixa/pequena” e “algo pequeno” ou “pequenino”, provavelmente por influência de “búzio”, com a variante gráfica *buzico*. *Cachada* denomina as “nádegas/glúteos” ou “rabo”, “ancas”, mas também “bochecha” e “face”. A origem desta palavra será, de acordo com o *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* de Leite de Vasconcelos, do domínio da agricultura, enquanto “pequena elevação de terreno arredondada”, configurando um processo cognitivo metaforizante de forma, transposto para o corpo humano, que corresponde atualmente mais às nádegas do que às bochechas. O vocábulo *caiota/canhota* foi interpretado como “pimpinela” e “bananeira pequena”, significados não-padrão, característicos da ilha da Madeira, mas também como “cumprimento”, “mãos” e *canhota* ainda como tendo o significado padrão de “pessoa que usa a mão esquerda/esquerdina”. *Cangueira* foi reconhecido como denominação de uma “cãibra/dor muscular/dor repentina” ou “prendimento/contração do

músculo da perna”, mas também “formigueiro”, “dormente”, por metonímia, e ainda “geringonça”, possivelmente por associação a “canga”.

A palavra *charola* foi definida como “objeto que acompanha a romagem” e “armação (revestida) de/com frutas e vegetais”, que pode ser um “barco festivo de ferro típico das festas santas” (no Estreito de Câmara de Lobos), mas também “pinha de pendurar com flores ou frutas”. De igual modo, foram documentadas ainda as seguintes aceções: “cesto de frutas”, “agrupamento/aglomerado de bens comestíveis (produtos da terra)” e “saco para transportar vegetais”, “saco de merenda” e “panela”, por especialização, a par de “conjunto de legumes”, por generalização. *Cieiro*, na aceção não padrão, é a “sujidade (do/no corpo/na pele já com algum tempo)”, por generalização, “sebo” e, por especialização, “comichão”. O termo *corça* ou *corsa* foi indicado como nome do “veículo de transporte à mão (de puxar, que ajuda no transporte de cargas)” ou “carro/carrinho de madeira (onde se transportam cargas pesadas)”, ainda “artefacto agrícola ou carrinho de escorregar” e “carroça/carro com bois” ou “espécie de carro de cesto”, neste caso referindo-se ao “carro de cesto” ou “cesto do Monte”, usado no transporte de turistas do Monte para o Funchal, como processo de especialização. O significado diferencial de *cuscuzeiro* na Madeira é “instrumento/recipiente (utilizado) para cozer arroz”, “objeto onde se coze o cuscuz”, ou “instrumento de culinária”, na língua padrão “bola de cozer arroz”, por analogia de função com o objeto perfurado para cozer o cuscuz a vapor. Todavia, documentámos também a aceção de “comentador de tudo, bilhardeiro”. Esta parece ser uma nova aceção da palavra, concorrente de *bilhardeiro/a*, provavelmente por metáfora ou transferência do domínio da culinária para o social, por deixar passar, neste caso, a informação. Outra possibilidade interpretativa será por confusão com o termo padrão *coscuvilheiro*.

Para o vocábulo *embeijado*, os informantes indicaram a aceção não padrão “sem dinheiro”, mas também o sentido conotativo de “pobre”, “triste”, “amuado/chateado/mal-humorado”. Documentámos ainda uma aceção aparentemente contraditória, “estar bem arranjado, bonito”, e o significado padrão “(estar) apaixonado”. *Ementes* foi reconhecido como “enquanto” e “entretanto”, com dois exemplos de uso, sendo uma forma do Português arcaico, enquanto *engamoer* ou *esgamoer* é “estar com fome”, “desejo por comida” e “comer”, mas também “maldisposto”, novo sentido conotativo. *Estar fchado/a* é “estar orgulhoso”, mas também “estar bem arranjado” e ainda “disfarçado”. Um informante indicou a aceção padrão, “com fissuras”. A expressão *estar (n)um calhau*, “estar desarrumado, desorganizado, num caos”, constitui um processo metafórico em

relação à imagem de um calhau ou aglomerado desordenado de pedras. Porém, os informantes apenas indicaram a aceção de *calhau* como praia, “na/numa praia (lugar com pedras)”, “estar num pedaço de rocha/em cima de pedras”, “à beira de água”. Curiosamente, foram registados ainda outros significados: “ser moreno”, por andar sempre no *calhau* (praia), e “cansada, preguiçosa”, com o exemplo de uso “estou num calhau, hoje”, e ainda “estar mal”.

Grogue ou *meio grogue* foi definido como “(um copo/cálice de) aguardente/bebida alcoólica (meia bola)” ou “beber um copo pequeno” e, em sentido conotativo, “(estar) bêbado”. Quanto a *inção*, é “alguém que não para quieto, esperto” e “pequeno”, processo metaforizante do nome proveniente do verbo *inçar*, de planta que cresce e se dissemina. *Matina* é o “pequeno-almoço”, no entanto alguns informantes apenas mencionam o significado padrão de “acordar / levantar-se cedo”, “(de/pela) manhã”. Já *matinar* é “tomar o pequeno-almoço” ou “comer de manhã”, aceção tradicional da palavra que será um arcaísmo, estando a cair em desuso. Alguns inquiridos revelam apenas conhecer o significado padrão da palavra, “acordar/levantar cedo” e “ficar a pensar no mesmo assunto, muitas vezes seguidas”. O empréstimo do Espanhol *mira*, “oriundo de/que nasceu na Venezuela” ou “pessoa (natural) da Venezuela/venezuelano”, “nome dado aos venezuelanos”, também foi definido como “palavra venezuelana que significa vê”, “olha(r)”, pois provém desta palavra, sendo uma metonímia enquanto parte pelo todo. Um informante forneceu a definição padrão do vocábulo, “instrumento/parte de (uma) arma”, e outro interpretou-o como “no sentido”, provavelmente semanticismo relacionado com o anterior. Para *palheiro*, as respostas obtidas foram: “habitação de animais ou de arrumar material da fazenda”, “onde se guardava o gado”, “local de guardar/onde ficam os animais/o gado (ou galinhas)”, “casa para abrigar os animais”, aceção tradicional a par de “galo de espécie pequena”, que também é um regionalismo madeirense. Atestámos também os significados de “lugar onde se guarda as cabras”, “casa de palha”, “casa pobre tradicional da Madeira” ou “casa antiga”, “local onde se guarda utensílios (de trabalho)/pequeno armazém de arrumação” e “casa de campo”. Esta última aceção é recente pelo facto de estas estruturas antigas de pedra, que serviam para criação de vacas, terem vindo a ser utilizadas com outros fins, nomeadamente como casa de campo. É de referir também a interpretação de “fecho das calças”, definição curiosa que denota uma metáfora humorística de cariz popular.

A palavra *pangaio/a* não foi reconhecida por nenhum informante, enquanto o vocábulo *pangueiro/a* foi identificado apenas por 3 inquiridos: “que não paga o que

deve/caloteiro”. Como podemos ver, além da definição por paráfrase, esta foi também dada através de um sinónimo da língua padrão (caloteiro). *Papiar*, verbo antigo correspondente a “falar”, ainda presente em crioulos de base lexical portuguesa, foi identificado como “falar (muito/demais)”, “estar sempre a falar (sem parar)”, mas também “comer (tudo ou muito)”. O termo *passada(s)* significa “escada(s)”, “degrau(s)”. Porém, um informante indicou a aceção de “passeio da estrada”, talvez por se dizer “sobe a passada”, e dois revelaram conhecer apenas o significado padrão da palavra: “(um) passo (com um ritmo certo)”. *Passapalo* é um neologismo madeirense enquanto empréstimo regional do Espanhol da Venezuela de *pasapalo*, que terá sido introduzido na ilha da Madeira com o regresso de muitos migrantes madeirenses naquele país, tendo a aceção de “entrada de comida/aperitivo/dentinho/petisco”, coexistindo com o termo *dentinho*, regionalismo madeirense indicado como sinónimo, tal como os termos do Português padrão (*aperitivo* e *petisco*). *Rajão* é um “instrumento musical/tradicional (de cordas, da Madeira/do bailinho, estilo guitarra/parecido a um braguinha)” ou “parecido a um violino rústico”. Nesta última definição, o informante denota confusão com a chamada *rabeca*. Um inquirido, além da aceção de “instrumento”, deu também a de “rápido”, talvez por confusão com *rajada* (de vento). Para *romagem*, “conjunto de pessoas que levam ofertas para o arraial”, nas respostas há tanto uma generalização do significado para “festas folclóricas” e “procissão (numa festa religiosa)”, como uma especialização do mesmo em “romaria(s) (de Natal)”, “cantigas/canções que se entoam na noite de Natal, na igreja” e “tradição natalícia”. Apenas um informante mostra desconhecer o significado diferencial da palavra, indicando a aceção padrão de “excursão” ou romaria.

O vocábulo *sarrame* será um arcaísmo para designar “confusão”. Por analogia, foi registada a definição de “aglomerado”, sendo que apenas dois informantes reconheceram a palavra. O nome *tapassol* é definido como “(cobertura de madeira ou metal) que tapa o sol das janelas”, “janela de alumínio”, “proteção das janelas das casas” e “parte exterior de uma janela, geralmente verde”. Alguns informantes referem, em vez da aceção tradicional, as novas formas de tapar o sol, com a utilização do mesmo nome: “tecido que protege do sol” e “estore/estoros”, revelando um processo de generalização do significado do termo. Para *terreiro*, “espaço à frente de casa”, recolhemos as seguintes aceções diferentes do esperado: “terreno (em frente à casa) plano” e “terraço”, respetivamente processos de generalização e de especificação do significado tradicional. *Tim-tam-tum* é uma “bebida alcoólica, licor (regional/típico do Natal madeirense)”, por metonímia

“especiaria que dá origem a um licor” e, por confusão com pim-pam-pum, “jogo de crianças (de escolha)”. Por sua vez, *trapiche* é a “casa de cuidado mental/manicômio/casa de/dos loucos”, no sentido conotativo “estar tudo louco”, “desarrumado/desarrumação” e “confusão”. Uma das informantes, que é professora, refere o topónimo do concelho do Funchal e o conceito primitivo da palavra que o originou, “localidade/engenho de aguardente”. Quanto à forma *trapichento* (derivada de *trapiche*) foi definida como “louco”, mas também “mal-arranjado”, “rabugento”, “que arma confusão” e “caprichoso”, por especialização do significado. Para *tratuário*, com a variante *trotoário*, registámos as aceções de “passeio (do Funchal/da estrada/da rua)”, mas também “berma”, por generalização. Bazenga (2015: 116-117) explica que o termo *tratuário* é um empréstimo do Francês *trottoir*, tal como *trotoário*, sendo as duas formas hibridismos, ou seja, resultantes do entrelaçamento de constituintes da língua francesa e portuguesa.

4. Discussão dos resultados

Em Nunes (2014: 366-367), o estudo sociolinguístico da pequena amostra do universo do Português falado na cidade do Funchal revela a existência de variação semântica no uso de alguns regionalismos madeirenses, tendo em conta a influência dos fatores socioculturais (sexo, idade e escolaridade), mas também da variável geográfica da origem urbana ou rural dos informantes e a vitalidade dos mesmos. Nesse estudo, o regionalismo semântico *embeijado* tende a ser usado com o significado padrão, havendo manifesto desuso da aceção tradicional. Pelo contrário, os regionalismos *baboseira* e *trapiche*, entre outros, são muito usados, apresentando forma e significado estáveis, e são bem conhecidos por todos. Os regionalismos menos conhecidos e menos usados são claramente os que estão a perder vitalidade, sendo sentidos já como arcaísmos, por exemplo *tratuário*, embora seja conhecido pelos informantes mais velhos. Curiosamente, no presente trabalho, este mesmo vocábulo revelou a sua vitalidade junto dos jovens universitários. Nunes (2014) observa que os fatores de variação social, sobretudo a idade, associada aos contactos linguísticos com áreas rurais, influencia o conhecimento e o uso dos regionalismos, pois os informantes idosos e adultos manifestaram conhecer e usar mais regionalismos do que os jovens. No presente trabalho, se tivermos em conta as origens rurais da maior parte dos pais ou avós dos jovens informantes, mesmo os do Funchal, podemos verificar que muitos também provêm do meio rural.

Nunes (2017: 471-472) apresenta os resultados obtidos nos inquéritos semântico-lexicais realizados na cidade do Funchal e nas mesmas áreas rurais da ilha da Madeira

aqui contempladas, concluindo que os vocábulos mais conhecidos em todas as localidades (e concelhos) e por todos os estratos sociais, independentemente do género ou idade, são, entre outros, *baboseira*, *charola*, *corça/corsa*, *passada*, *terreiro* e *tratuário*. Nesse sentido, serão os termos que apresentam maior vitalidade no Português falado na ilha da Madeira. Os vocábulos *(ar)rejeiras*, *embeijado*, *matina*, *matinar* e *papiar* são os menos conhecidos e usados, podendo ser classificados como ruralismos ou arcaísmos. Apesar de muitos destes termos terem origem rural, por estarem relacionados com a terra, atesta a sua vitalidade na cidade do Funchal, como são os casos de *charola*, *corça/corsa* e *terreiro*, provavelmente pelo facto de na amostra estarem representadas as localidades mais periféricas do concelho, de cariz rural até há pouco tempo. Conclui que o fator diatópico se mostrou relevante, sobretudo no caso dos termos mais antigos, que são arcaísmos ou ruralismos, por oposição aos mais usuais ou correntes. Os fatores de variação social não se mostraram tão relevantes como seria de esperar, não havendo grandes diferenças entre os falantes dos dois géneros, embora as mulheres, por regra, tendam a ser mais conservadoras, nas áreas rurais, sobretudo quando se trata de arcaísmos que tendem a cair em desuso. No presente estudo, os vocábulos *(ar)rejeiras* e *matinar*, surpreendentemente, revelaram alguma vitalidade, mesmo entre os informantes do Funchal.

Outro estudo de Nunes (2019) mostra a palavra *(ar)rejeiras* como desconhecida, tanto para os inquiridos naturais do Funchal como das outras áreas geográficas da ilha da Madeira. Quanto a *baboseira*, foi um dos nomes mais reconhecidos, sobretudo pelos residentes fora do Funchal, e no concelho do Funchal é um termo usual, não apresentando variação semântica, resultado confirmado no presente trabalho. As outras palavras correntes ou usuais são: *buzico/busico*, *cachada*, *tapassol*, *terreiro* e *trapiche*. Os vocábulos menos conhecidos e usados são: *charola*, *corça/corsa* e *tratuário/trotoário*, que parecem estar a desaparecer junto dos jovens. No caso de *tratuário/trotoário*, este revelou-se relativamente bem conhecido e usado na amostra de jovens universitários deste estudo. Em Nunes (2019), o fator sociocultural de género mostrou-se relevante, na medida em que, no Funchal, geralmente, as mulheres lideram o conhecimento deste léxico diferencial ou regional, assim como dos novos significados documentados. Também são as mulheres que apresentam maior percentagem do seu uso, o que pode ser confirmado de alguma forma no presente estudo, apesar de não apresentarmos igual número de informantes dos dois géneros.

Trata-se de resultados diferentes mas complementares, que retratam a complexidade da realidade linguística madeirense, uma vez que a língua é o reflexo de

fatores histórico-geográficos e socioculturais, inseparáveis dos fatores cognitivos e estruturais ou funcionais da própria língua. Neste caso, a variação semântica e lexical documentada resulta da congregação destas variáveis internas e das variáveis externas ou extralinguísticas controladas: a origem geográfica ou localidade e o género ou sexo dos informantes, enquanto fatores socioculturais de variação linguística, que nos remetem para o conceito de “situacionalidade sociocultural do significado”.

Considerações finais

As análises quantitativa e qualitativa dos dados, além da variação semântica do léxico diferencial madeirense, revelam a variação geográfica e sociocultural existente no seu conhecimento e uso, mostrando que os regionalismos estudados são conhecidos e utilizados pelos jovens inquiridos. Os resultados obtidos indicam que não há diferenças significativas no conhecimento e uso deste vocabulário por localidades (e concelhos) nem por género, ocorrendo uma continuidade linguística e sociocultural entre o Funchal e as restantes áreas geográficas da ilha da Madeira. Em relação às 3 informantes mais velhas, quando comparadas com os outros informantes, a variação também é escassa tendo em conta a diferente faixa etária e os estudos de bacharelato realizados anteriormente na Região Autónoma da Madeira por duas delas.

A proximidade entre as variedades urbana e rural dever-se-á ao facto de as localidades do Funchal representadas não serem as do centro, mas também por existirem contactos linguísticos entre muitos falantes da capital e dos outros concelhos (devido à mobilidade interna de muitos indivíduos para a “cidade”) e os informantes serem maioritariamente jovens, confirmando a tendência para a neutralização das diferenças de género nos comportamentos linguísticos destes, o que se deve igualmente ao grau de escolaridade superior dos inquiridos, que esbate algumas diferenças existentes entre as referidas variedades do Português falado na ilha da Madeira. Devemos evocar ainda o facto de estarmos perante uma comunidade de fala regional, com sentido de identidade sociocultural e sentimento de pertença a uma variedade geográfica da Língua Portuguesa.

Neste sentido, estamos perante o que podemos chamar a “situacionalidade sociocultural do significado”, neste caso feita de insularidades linguísticas, geográficas e socioculturais, representativas da variação semântica de algum léxico diferencial na ilha da Madeira. Posto isto, o presente estudo parece confirmar a tendência de os falantes manterem e valorizarem o seu património linguístico madeirense, enquanto elemento da sua identidade linguística e sociocultural regional. Falta comparar estes resultados com

dados recolhidos na aplicação dos mesmos inquéritos no Porto Santo, para aferirmos a existência de um *continuum* linguístico entre as duas ilhas povoadas do arquipélago ou, pelo contrário, a observação de outras insularidades lectais.

BIBLIOGRAFIA

- Baldinger, Kurt, 1964, “Sémasiologie et onomasiologie”, *Revue de Linguistique Romane* 28, pp. 249-272.
- Bazenga, Aline, 2015, “Tratuário”, *Cabral do Nascimento. Escrever o mundo por detrás de um monóculo e a partir de um farol* (coord. e org. Ana Salgueiro e Paulo Miguel Rodrigues), Funchal, Imprensa Académica, pp. 116-118.
- Bazenga, Aline, 2011, “Aspetos do Português falado no Funchal e variedades do Português”, *III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. A formação de novas gerações de falantes de Português no Mundo*, Macau, Universidade de Macau.
- Bazenga, Aline, 2016, “Sociedades insulares e identidade: aspetos linguísticos da ‘madeirensidade’ no Atlântico lusófono”, *Grande Dicionário Enciclopédico da Madeira* (vol. Antezero), Lisboa/Funchal, APCA/INCM, pp. 216-225.
- Bernárdez, Enrique, 2008, *El Lenguaje como Cultura*, Madrid, Alianza Editorial, pp. 326-335.
- Bucholtz, Mary & Kira, Hall, 2005, Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach”, *Discourse Studies* 7 (4-5), pp. 585-614.
- Dirven, René, Frank, Roslyn & Putz, Martin (eds.), 2003, *Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Freitag, Raquel Meister Ko, 2015, “(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística”. In Freitag, Raquel Meister Ko & Severo, Cristine Gorski (Org.), *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*, São Paulo, Blucher, pp. 17-74.
- Geeraerts, Dirk, 2002, “The theoretical and descriptive development of Lexical Semantics”. In: Leila Behrens & Dietmar Zaefferer (eds.), *The Lexicon in Focus. Competition and Convergence in Current Lexicology*, Frankfurt/Berlin, Peter Lang.
- Geeraerts, Dirk. “Vagueness’s puzzles, polysemy’s vagaries”. *Cognitive Linguistics* 4 (3), pp. 223-272, 1993.
- Geeraerts, Dirk, Grondelaers, Stefan & Bakema, Peter, 1994, *The Structure of Lexical Variation. Meaning, Naming, and Context*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Geeraerts, Dirk, 2005, “Lectal variation and empirical data in Cognitive Linguistics”. In: Francisco J. Ruiz de Mendoza & Sandra Peña Cervel (eds.), *Cognitive Linguistics. Internal Dynamics and Interdisciplinary Interactions*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, pp. 163-189.
- Geeraerts, Dirk, 2008, “Prototypes, stereotypes and semantic norms”. In: Gitte Kristiansen & René Dirven (eds.), *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter, pp. 21-44.
- Heinz, Michaela, “Le Dictionnaire des Régionalismes de France: analyse macro- et microstructurelle”. Disponível em <http://andre.thibault.pagesperso-orange.fr/Heinz.pdf> (consultado a 25 de novembro de 2018).
- Kristiansen, Gitte & Dirven, René (eds.), 2008, *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Lakoff, George, 1987, *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Johnson, Mark, 1999, *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*, New York, Basic Books, cap. 11.
- Langacker, Ronald W., 1987, *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. 1: *Theoretical Prerequisites*, Stanford, Stanford University Press.
- Lebaud, Daniel, 2004, “Toucher: le tango des sens. Problèmes de sémantique lexicale”, *Revue des Linguistes de l’Université Paris Ouest Nanterre La Défense* 50, pp. 53-80.

Nunes, N. Nunes, 2014, “Variação social e vitalidade de alguns regionalismos madeirenses no Português falado na cidade do Funchal”, *Confluência. Revista do Instituto da Língua Portuguesa*, nº 46, 1º semestre, Rio de Janeiro, pp. 335-370.

Nunes, N. Nunes, 2017, “Regionalismos madeirenses: estudo lexicológico da variação dialetal e sociolinguística na ilha da Madeira”, *Revue de Linguistique Romane*, tome 81, nº 323-324, Strasbourg, Société de Linguistique Romane, pp. 433-475.

Nunes, N. Nunes, 2019, “A linguística histórica e o léxico diferencial: variação dialetal e sociolinguística de alguns regionalismos do Português falado na ilha da Madeira”, in E. Carilho, A. M. Martins, S. Pereira e J. P. Silvestre (eds.), *Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 1023-1060.

Palmer, Gary B., 1996, *Toward a Theory of Cultural Linguistics*, Austin, University of Texas Press.

Pordata. *Retrato da Madeira. Edição 2018*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Putnam, Hilary, 1975, “The meaning of meaning”. In: Keith Gunderson (ed.), *Language, Mind and Knowledge*, Minnesota, University of Minnesota Press, pp. 131-193.

Rebelo, Helena & Nunes, Naidea, 2016, “Regionalismos madeirenses”, *Aprender Madeira – Dicionário Enciclopédico da Madeira*. Disponível em <http://aprenderamadeira.net/regionalismos-madeirenses/> (consultado a 20 de novembro de 2018).

Silva, Augusto Soares da, 2006, *O Mundo dos Sentidos em Português: Polissemia, Semântica e Cognição*, Coimbra, Almedina.

Silva, Augusto Soares da, 2006, “The polysemy of discourse markers: The case of *pronto* in Portuguese”, *Journal of Pragmatics* 38, pp. 2188-2205.

Silva, Augusto Soares da, 2009, “A Sociolinguística Cognitiva: razões e objeto de uma nova área de investigação linguística”, *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 13, pp. 191-212.

Silva, Augusto Soares da, 2010, “Palavras, significados e conceitos. O significado lexical na mente, na cultura e na sociedade”, *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição nº 41*, pp. 27-53.

Tuggy, David, 1993, “Ambiguity, polysemy, and vagueness”, *Cognitive Linguistics* 4 (3), pp. 273-290.

Vasconcelos, José Leite de, *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos – DRA*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Grupo de Filologia, Projeto realizado entre 1997 e 2017. Edição digital disponível em <http://beta.clul.ul.pt/teitok/dra/index.html> (consultado a 25 de novembro de 2018).

Apêndice

Tabela XI: Sistematização das respostas obtidas por localidade e género

Vocabulário	Significado(s)	Exemplo(s) de uso
1. (Ar)rejeiras	<p>“suspensórios (para segurar as calças)” (CSC1_HA3, SRF3_HA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, ICMF19_MB3 e SMMF23_MA3; SAF25_MB3); “mangas do casaco” (SV16_MA3); “plantas” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 8 SRF, SAF, SMMF, ICMF e MF; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 1 Cal. (9 M; 6 H).</p> <p>Significados diferentes 1 SV; 1 SAF (1 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 8 informantes (5 M; 3 H).</p>	<p>“aperta as rejeiras” (CSC1_HA3); “não te esqueças de colocar as rejeiras nas calças” (SAF4_HA3); “não leves as calças sem as rejeiras” (CSC5_HA3); “é melhor levares arrejeiras para as calças não caírem” (CaSC6_HA3); “puxa-me essas arrejeiras para cima!” (ECL8_MA3); “arranja as arrejeiras” (MF9_MA3); “as tuas rejeiras estão tortas!” (SV16_MA3); “estou a usar umas arrejeiras” (SMMF23_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 3 SAF, MF e SMMF; 1 ECL; 1 SV. (4 M; 4 H).</p> <p>Total: 8</p>
2. Asservado / a	<p>“bem arranjado” (CSC5_HA3 e Mac14_MA3); “quieto, sossegado, tranquilo, reservado” (ECL8_MA3, MF12_MA3, SMMF15_HA3, ICMF19_MB3, Ven20_HA3 e SAF25_MB3); “pessoa correta” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS</p>	<p>“tás todo asservado” (CSC5_HA3 e Mac14_MA3); “aquele pequeno é muito asservado” (ECL8_MA3); “esta criança é uma pessoa asservada” (MF12_MA3); “este rapaz/João é muito asservado” (Ven20_HA3 e SJS24_MA3).</p>

	<p>1 ECL; 4 MF, SMMF, SAF e ICMF; 1 Ven. (4 M; 2 H).</p> <p>Significados diferentes 1 CSC; 1 Mac; 1 SJS. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 16 informantes (9 M; 7 H).</p>	<p>DADOS QUANTITATIVOS 1 ECL; 1 MF; 1 Ven; 1 SJS. (3 M; 1 H).</p> <p>Significados diferentes 2 CSC; 1 Mac. (1 M; 1 H).</p> <p>Total: 7</p>
3. (A)zangalhar	<p>“dizer, falar” (Mac14_MA3); “gozar” (ICMF19_MB3); “brigar/discutir” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 0</p> <p>Significados diferentes 1 Mac; 2 ICMF e SAF. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 22 informantes (13 M; 9 H).</p>	<p>“o que é que tás pra aí a zangalhar?” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 0</p> <p>Significado diferente 1 Mac. (1 M).</p> <p>Total: 1</p>
4. Baboseira	<p>“mimo” (CSC1_HA3, SAF7_MA3, PCM10_MA3, Mac14_MA3 e SAF22_HA3); “(dar) mimos (em exagero/excesso)” (Ven2_MA3, SAF4_HA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, Mac17_MA3, ICMF19_MB3 e SMMF23_MA3); “choro, lamúria sem razão” (SRF3_HA3); “pessoa (muito) mimada” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, Cal11_MA3, SMMF15_HA3, SV16_MA3, Cal18_MB3, Ven20_HA3, Ing21_HA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 8 SRF, SAF, MF, ICMF e SMMF; 1 CPS; 1 Mac; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 2 Cal; 1 SV; 1 Ing; 1 SJS (8 H; 12 M).</p> <p>Significados diferentes 1 CSC; 2 SAF; 2 PCM e Mac. (2 H; 3 M).</p> <p>Significado desconhecido 0</p>	<p>“já chega/deixa-te de baboseira(s)!” (CSC1_HA3, CSC5_HA3 e CaSC6_HA3); “a mãe só dá baboseiras ao bebé da casa” (Ven2_MA3); “(para de chorar, isso/aquilo) é só baboseira” (SRF3_HA3 e Ing21_HA3); “aquela criança tem (é muita) baboseira (dada pelos pais)” (SAF4_HA3, SAF7_MA3, SMMF15_HA3 e ICMF19_MB3); “ela só tem baboseira” (ECL8_MA3); “tens (é) muita baboseira” (MF9_MA3, Mac14_MA3 e SMMF23_MA3); “isso é/tem/tens baboseira a mais!” (PCM10_MA3, Cal11_MA3 e CPS13_HA3); “(só) queres é baboseira!” (MF12_MA3 e SAF22_HA3); “estás com uma baboseira!” (SV16_MA3); “a tua filha está cheia de baboseira!” (Ven20_HA3); “este rapaz tem muita baboseira” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 2 Ven; 9 SRF, SAF, SMMF, ICMF e MF; 1 Ing; 1 ECL; 2 Mac e PCM; 1 Cal; 1 CPS; 1 SV; 1 SJS. (12 M; 10 H).</p> <p>Total: 22</p>
5. Babugem / babuginha	<p>“superfície espumosa da água do mar” (SRF3_HA3); “andar perto da margem” (SAF4_HA3); “junto à costa/ à maré” (SAF7_MA3 e ICMF19_MB3); “água parada” (ECL8_MA3); “à margem, à beira da água (do mar)” (PCM10_MA3, SMMF15_HA3, Ing21_HA3 e SMMF23_MA3); “perto de algo; perto do mar” (MF12_MA3); “leito do rio/mar” (SAF22_HA3 e SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 7 SRF, SAF, ICMF, SMMF, MF; 1 PCM; 1 Ing. (5 M; 4 H).</p> <p>Significados diferentes 1 ECL; 2 SAF. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 13 informantes (8 M; 5 H).</p>	<p>“ele está nadando na babuginha” (SAF4_HA3); “vamos brincar na babuginha” (SAF7_MA3); “brincar na babuginha da praia” (ECL8_MA3); “eu fui à praia, mas só fiquei na babuginha” (PCM10_MA3); “veio à babuginha” (Ing21_HA3); “fica(r) na babuginha (do mar)” (SAF22_HA3 e SMMF23_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 4 SAF e SMMF; 1 ECL; 1 PCM; 1 Ing. (4 M; 3 H).</p> <p>Total: 7</p>
6. Bambote	<p>“bandido” (PCM10_MA3); “pequeno barco” (SMMF23_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM; 1 SMMF (2 M).</p> <p>Significado desconhecido 23 informantes (13 M; 10 H).</p>	<p>“aquele bambote só faz asneiras!” (PCM10_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM (1 M).</p> <p>Total: 1</p>
7. Brinco / brinquinho	<p>“arrecadas ou brinquedo de criança” (Ven2_MA3); “objeto das celebrações tradicionais madeirenses” (SRF3_HA3); “instrumento musical/regional/tradicional” (SAF4_HA3, Cal11_MA3, Mac17_MA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3 e SAF25_MB3); “arcadas” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3 e ECL8_MA3); “objeto usado no bailinho típico da Madeira” (SAF7_MA3); “brincadeira; instrumento musical utilizado no bailinho” (PCM10_MA3); “brinquedo” (Mac14_MA3); “impecável, bonito” (SMMF15_HA3); “uma prenda pequena” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 5 SRF, SAF, ICMF; 1 Cal; 2 PCM e Mac; 1 Ing. (6 M; 3 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Ven; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 1 Mac; 1 SAF. (3 M; 3 H).</p>	<p>“mas que brincos lindos!”/“deixa o mano brincar com o brinco” (Ven2_MA3); “no grupo folclórico, toca-se o brinquinho” (SAF4_HA3); “vou usar brincos” (CSC5_HA3); “já viste os meus brincos novos” (CaSC6_HA3); “olha, o brinquinho que aquele foi fazer!”; “ele toca o brinquinho no bailinho” (PCM10_MA3); “vou te dar um brinquinho para brincare” (Mac14_MA3); “esta sala, depois de arrumada, está um brinco” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 SAF; 1 PCM. (1 M; 1 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Ven; 1 PCM; 1 Mac. (2 M; 1 H).</p> <p>Significados padrão 1 Ven; 2 CSC e CaSC; 1 SMMF. (1 M; 3 H).</p> <p>Total: 9</p>

	<p>Significado padrão 1 SMMF (1 H).</p> <p>Significado desconhecido 9 informantes (7 M; 2 H).</p>	
8. Buzico / busico / a	<p>“pequeno/criança (pequena)” (CSC1_HA3, Ven2_MA3, SRF3_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, Mac17_MA3, Cal18_MB3, ICMF19_MB3, Ven20_HA3, Ing21_HA3, SMMF23_MA3 e SAF25_MB3); “pessoa baixa/pequena” (SAF4_HA3, SAF7_MA3 e SJS24_MA3); “algo pequeno” (ECL8_MA3); “pequenino” (MF9_MA3 e SV16_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 2 Ven; 8 SRF, MF, SMMF, ICMF e SAF; 3 PCM e Mac; 2 Cal; 1 CPS; 1 Ing; 1 SJS; 1 ECL; 1 SV. (10 M; 7 H).</p> <p>Significados diferentes 3 SAF, MF; 1 SJS; 1 ECL; 1 SV. (5 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 2 informantes (2 H).</p>	<p>“tem cuidado com o busico” (CSC1_HA3); “o busico do João não para quieto” (Ven2_MA3); “ele tem o tamanho de um busico/olha o busico” (SAF4_HA3 e SAF7_MA3); “aquele busico só quer brincadeira” (CSC5_HA3); “aquele busico passa o dia todo na rotiça” (CaSC6_HA3); “ele é/és um busico” (MF9_MA3 e Ven20_HA3); “aquele busico pensa que sabe tudo/pode fazer tudo o que quer” (PCM10_MA3 e SMMF15_HA3); “oh rapaz, és um busico!” (SV16_MA3); “E o busico, onde está?” (Ing21_HA3); “Não gosto nada deste busico!” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 2 Ven; 4 SAF, MF e SMMF; 1 PCM; 1 SV; 1 Ing; 1 SJS. (6 M; 7 H).</p> <p>Total: 13</p>
9. Cachada	<p>“nádegas ou bochechas” (Ven2_MA3); “rabo” (SRF3_HA3, ICMF19_MB3 e SJS24_MA3); “ancas” (SAF4_HA3); “nádega(s)/glúteos” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3, ECL8_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, Mac14_MA3, Ing21_HA3, SAF22_HA3 e SAF25_MB3); “bochecha” (SMMF15_HA3); “face” (Cal18_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 6 SRF, ICMF, SAF e SMMF; 1 SJS; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 2 Cal; 1 Ing. (9 M; 7 H).</p> <p>Significado desconhecido 9 informantes (6 M; 3 H).</p>	<p>“caí e fiquei com as cachadas do cú a doer”/“ela tem cada cachada nessa cara!” (Ven2_MA3); “ela tem umas cachadas largas” (SAF4_HA3); “caí e magoei-me nas cachadas” (CSC5_HA3); “olha-me aquelas cachadas” (CaSC6_HA3); “ando com/tenho uma dor na cachada” (PCM10_MA3 e SAF25_MB3); “doí-me a cachada” (Mac14_MA3); “bateu-lhe na(s) cachada(s)” (Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “a cachada do rabo” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 3 SAF; 2 CSC e CaSC; 2 PCM e Mac; 1 Ing; 1 SJS. (5 M; 5 H).</p> <p>Total: 10</p>
10. Caiota / canhota	<p>“cumprimento” (CSC1_HA3); “canhota – que usa a mão esquerda/esquerdina” (Ven2_MA3, SAF7_MA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, SMMF15_HA3, Mac17_MA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “pimpinela” (PCM10_MA3); “bananeira pequena” (CPS13_HA3); “mãos” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM; 1 CPS. (1 M; 1 H).</p> <p>Significados diferentes 1 CSC; 1 Mac. (1 M; 1 H).</p> <p>Significado padrão 1 Ven; 1 SAF; 1 ECL; 4 MF, SMMF, ICMF e SAF; 1 Mac; 1 Ing. (6 M; 3 H).</p> <p>Significado desconhecido 12 informantes (7 M; 5 H).</p>	<p>“dá cá uma canhota” (CSC1_HA3); “Ela escreve com a esquerda, é canhota!” (Ven2_MA3); “sou/ela/ele é canhoto/a” (MF9_MA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “tenho muitas caiotas em casa, queres?” (PCM10_MA3); “vou te dar nas canhotas” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM (1 M).</p> <p>Significados diferentes 1 CSC; 1 Mac. (1 M; 1 H).</p> <p>Significado padrão (canhota) 1 Ven; 3 MF, ICMF e SAF; 1 Ing. (3 M; 2 H).</p> <p>Total: 8</p>
11. Cangueira	<p>“cãibra/dor muscular/dor repentina” (Ven2_MA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, Mac17_MA3, Cal18_MB3 e SMMF23_MA3); “prendimento/contração do músculo da perna” (SAF4_HA3 e SAF25_MB3); “dormente” (ECL8_MA3); “dor na perna” (CPS13_HA3); “formigueiro” (Ing21_HA3); “geringonça” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 2 CSC e CaSC; 6 SAF, MF e SMMF; 3 PCM e Mac; 2 Cal; 1 CPS. (10 M; 5 H).</p> <p>Significados diferentes 1 ECL; 1 Ing; 1 SAF. (1 M; 2 H).</p> <p>Significado desconhecido 7 informantes (4 M; 3 H).</p>	<p>“costuma dar-me cangueira no pé/na perna” (Ven2_MA3 e SAF7_MA3); “durante a noite, dá-me muito a cangueira” (SAF4_HA3); “(ontem, durante o jogo de futebol), deu-me uma/a cangueira (numa perna)” (CaSC6_HA3, PCM10_MA3 e Mac14_MA3); “estou com uma cangueira (na perna)” (MF9_MA3 e SAF25_MB3); “está-me a dar cangueira!” (Ing21_HA3); “olha-me aquela cangueira!” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 4 SAF e MF; 1 CaSC; 2 PCM e Mac; 1 Ing. (6 M; 3 H).</p> <p>Significado diferente 1 SAF (1 H).</p> <p>Total: 10</p>
12. Charola	<p>“panela” (Ven2_MA3); “saco de merenda” (SRF3_HA3); “objeto que acompanha a romagem” (SAF4_HA3); “armação (revestida) de/com frutas e vegetais” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3 e SMMF23_MA3); “barco festivo de ferro típico das festas santas” (ECL8_MA3); “pinha de pendurar com flores ou frutas” (PCM10_MA3 e</p>	<p>“ferve água na charola” (Ven2_MA3); “a charola da romagem está bonita” (SAF4_HA3); “essa charola está bonita” (CSC5_HA3); “mas que bonita charola!” (CaSC6_HA3); “na feira do gado, há muitas charolas” (PCM10_MA3); “estão a rifar uma charola no bazar” (SAF25_MB3).</p>

	<p>Mac14_MA3); “cesto de frutas” (Cal11_MA3); “agrupamento/aglomerado de bens comestíveis (produtos da terra)” (Cal18_MB3 e ICMF19_MB3); “saco para transportar vegetais” (SAF22_HA3); “conjunto de legumes” (SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 4 SAF, ICMF e SMMF; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 1 Cal. (7 M; 3 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Cal; 2 SAF e SRF; 1 Ven. (2 M; 2 H).</p> <p>Significado desconhecido 11 informantes (6 M; 5 H).</p>	<p>DADOS QUANTITATIVOS 2 SAF; 2 CSC e CaSC; 1 PCM. (2 M; 3 H).</p> <p>Significado diferente 1 Ven. (1 M).</p> <p>Total: 6</p>
13. Cieiro	<p>“sujidade (do/no corpo/na pele já com algum tempo)” (Ven2_MA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, PCM10_MA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, Mac14_MA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3, SAF22_HA3, SMMF23_MA3 e SAF25_MB3); “comichão” (SAF7_MA3); “sebo” (ECL8_MA3, MF9_MA3 e SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 6 SAF, MF, ICMF e SMMF; 2 CSC e CaSC; 2 PCM e Mac; 1 CPS; 1 Ing. (7 M; 6 H).</p> <p>Significados diferentes 1 ECL; 3 SAF, MF e SMMF. (3 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 8 informantes (5 M; 3 H).</p>	<p>“lava atrás das orelhas esse cieiro velho!” (Ven2_MA3); “ele está cheio de cieiro no pescoço” (SAF4_HA3); “vai-te lavar que estás com/cheio de cieiro” (CSC5_HA3 e CaSC6_HA3); “ele tinha/tem cieiro nos pés” (MF9_MA3 e PCM10_MA3); “tens cieiro no braço” (Mac14_MA3); “parece (só) cieiro” (Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “ela tem cieiro negro” (SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 4 SAF e MF; 2 CSC e CaSC; 2 PCM e Mac; 1 Ing. (5 M; 5 H).</p> <p>Total: 10</p>
14. Corça / corsa	<p>“veículo de transporte à mão (de puxar, que ajuda no transporte de cargas)” (SRF3_HA3 e PCM10_MA3); “carro/carrinho de madeira (onde se transportam cargas pesadas)” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, Mac14_MA3, Cal18_MB3 e ICMF19_MB3); “artefacto agrícola ou carrinho de escorregar” (SAF25_MB3); “carroça/carro com bois” (Cal11_MA3 e Mac17_MA3); “espécie de carro de cesto” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 4 SRF, MF, ICMF e SAF; 2 PCM e Mac; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 1 Cal. (7 M; 3 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Cal; 1 Mac; 1 SMMF. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 12 informantes (6 M; 6 H).</p>	<p>“prepara os bois para carregarem a corça” (CaSC6_HA3); “vou descer de corça” (MF9_MA3); “trouxo um molho de erva e de lenha na corsa” (PCM10_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM. (1 M).</p> <p>Significados diferentes 1 CaSC; 1 MF. (1 M; 1 H).</p> <p>Total: 3</p>
15. Cuscuzeiro	<p>“comentador de tudo, bilhardeiro/bilhardice” (SRF3_HA3, SAF4_HA3 e SAF22_HA3); “objeto onde se coze o cuscuz” (SAF7_MA3); “instrumento de culinária” (ECL8_MA3 e SAF25_MB3); “instrumento/recipientes (utilizado) para cozer arroz (cuscuz)” (MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, Mac14_MA3 e SMMF15_HA3); “recipiente onde se coze a farinha trabalhada com água que dará o cuscuz” (Cal18_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 4 SAF, MF e SMMF; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 2 Cal. (8 M; 1 H).</p> <p>Significados diferentes 3 SRF e SAF. (3 H).</p> <p>Significado desconhecido 13 informantes (4 M; 9 H).</p>	<p>“o João é muito cuscuzeiro, é preciso tomar cuidado” (SAF4_HA3); “traz o cuscuzeiro” (MF9_MA3); “já puseste o cuscuz no cuscuzeiro?” (PCM10_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 MF; 1 PCM. (2 M).</p> <p>Significado diferente 1 SAF. (1 H).</p> <p>Total: 3</p>
16. Embeijado / a	<p>“sem dinheiro” (CSC1_HA3, CSC5_HA3, Cal11_MA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, Cal18_MB3, ICMF19_MB3 e SAF22_HA3); “pobre” (Ven2_MA3, PCM10_MA3, MF12_MA3 e Ing21_HA3); “triste” (SRF3_HA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3); “estar bem arranjado, bonito” (SAF4_HA3); “pessoa chateada; sem dinheiro” (CaSC6_HA3); “amuado/chateado/mal-humorado” (SAF7_MA3, MF9_MA3, CPS13_HA3, SV16_MA3 e SMMF23_MA3); “(estar) apaixonado” (ECL8_MA3, Mac17_MA3 e Ven20_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 2 Cal; 1 Mac; 3 SMMF, ICMF e SAF. (4 M; 5 H).</p> <p>Significados diferentes</p>	<p>“(es)tou embeijado (até ao fim do mês)” (CSC1_HA3, Mac14_MA3, Ing21_HA3 e SJS24_MA3); “para quê ela anda com ele, um velho embeijado!” (Ven2_MA3); “ela veio toda embeijada para a festa” (SAF4_HA3); “recebi há dias e já ando embeijado” (CSC5_HA3); “olha o Manuel, anda sempre embriagado, não admira que esteja embeijado” (CaSC6_HA3); “ele está embeijado!” (SAF7_MA3); “aquele pequeno está sempre embeijado” (MF9_MA3); “aquele é um embeijado, mas faz-se de rico” (PCM10_MA3); “andas/anda (sempre) embeijado” (MF12_MA3 e SAF22_HA3); “o meu tio está embeijado, devia ser poupado” (SMMF15_HA3); “andas embeijado”</p>

	<p>1 Ven; 1 PCM; 7 MF, SRF, SAF e SMMF; 1 Ing; 1 SJS; 1 CPS; 1 SV. (9 M; 4 H).</p> <p>Significado padrão 1 ECL; 1 Mac; 1 Ven. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 0</p>	<p>(SV16_MA3); “estás mesmo embeijado por ela” (Ven20_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Mac e PCM; 1 Ing; 1 SJS; 1 Ven; 3 CSC e CaSC; 5 SAF, MF e SMMF; 1 SV. (8 M; 6 H).</p> <p>Significado diferente 1 SAF. (1 H).</p> <p>Significado padrão 1 Ven. (1 H).</p> <p>Total: 16</p>
17. Ementes	<p>“enquanto” (PCM10_MA3, SMMF15_HA3 e SAF25_MB3); “entretanto” (Cal18_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM; 2 SMMF e SAF; 1 Cal. (3 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 21 informantes (12 M; 9 H).</p>	<p>“fica aqui ementes eu vou à casa de banho” (PCM10_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM. (1 M).</p> <p>Total: 1</p>
18. Engamoer / esgamoer	<p>“estar com fome” (PCM10_MA3); “maldisposto” (MF12_MA3); “comer” (Mac14_MA3); “desejo por comida” (Mac17_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 PCM e Mac. (3 M).</p> <p>Significado diferente 1 MF (1 M).</p> <p>Significado desconhecido 21 informantes (11 M; 10 H).</p>	<p>“estou engamoendo” (PCM10_MA3); “vamos engamoer” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM (1 M).</p> <p>Significado diferente 1 Mac. (1 M).</p> <p>Total: 2</p>
19. Estar fchado / a	<p>“estar orgulhoso” (PCM10_MA3); “<u>com fissuras</u>” (SMMF15_HA3); “estar bem arranjado” (Cal18_MB3); “disfarçado” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM (1 M).</p> <p>Significados diferentes 1 Cal; 1 SAF. (1 M; 1 H).</p> <p>Significado padrão 1 SMMF (1 H).</p> <p>Significado desconhecido 21 informantes (13 M; 8 H).</p>	<p>“tu estás fchado/enfchado com esse carro novo” (PCM10_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM. (1 M).</p> <p>Total: 1</p>
20. Estar (n)um calhau	<p>“na/numa praia (lugar com pedras)” (CSC1_HA3, CSC5_HA3, ICMF19_MB3 e SAF25_MB3); “ser moreno” (ECL8_MA3); “cansada, preguiçosa” (Mac14_MA3); “estar mal” (SMMF15_HA3); “estar num pedaço de rocha/em cima de pedras” (Ven20_HA3 e Ing21_HA3); “à beira de água” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 0</p> <p>Significados diferentes 2 CSC; 4 ICMF, SAF e SMMF; 1 Ven; 1 Ing; 1 ECL; 1 Mac. (4 M; 6 H).</p> <p>Significado desconhecido 15 informantes (11 M; 4 H).</p>	<p>“sai do calhau!” (CSC5_HA3); “estou num calhau, hoje” (Mac14_MA3); “o calhau está desordenado” (ICMF19_MB3); “sai de cima do calhau!” (Ven20_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 0</p> <p>Significados diferentes 1 CSC; 1 Mac; 1 ICMF; 1 Ven. (2 M; 2 H).</p> <p>Total: 4</p>
21. Grogue ou meio grogue	<p>“(um copo/cálice de) aguardente/bebida alcoólica (meia bola)” (Ven2_MA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, Mac14_MA3, Cal18_MB3, Ing21_HA3, SAF22_HA3 e SJS24_MA3); “(estar) bêbado” (SRF3_HA3 e SMMF15_HA3); “beber um copo pequeno” (Ven20_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 4 SAF e MF; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 2 Cal; 1 CPS; 1 Ing; 1 SJS. (11 M; 5 H).</p> <p>Significados diferentes 2 SRF e SMMF. (2 H).</p> <p>Significado desconhecido 7 informantes (4 M; 3 H).</p>	<p>“dá-me (aí) meio-grogue/um grogue” (Ven2_MA3 e Ing21_HA3); “olha o que bebeste, já andas grogue” (SRF3_HA3); “ele tomou um grogue na tasca” (SAF4_HA3); “deita-me aí um meio-grogue/toma um grogue de whisky” (CSC5_HA3 e Ven20_HA3); “o João gosta de beber meio-grogue” (CaSC6_HA3); “vamos/vou tomar um grogue” (MF9_MA3, Mac14_MA3 e SJS24_MA3); “ela deu-me um grogue para festejar o divino espírito santo” (PCM10_MA3); “aquele tipo está grogue” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 1 Ing; 2 SAF, MF; 2 CSC e CaSC; 2 Mac e PCM; 1 SJS. (5 M; 5 H).</p> <p>Significado diferente 2 SRF e SMMF. (2 H).</p> <p>Total: 12</p>
22. Inção	<p>“alguém que não para quieta, esperta” (Ven2_MA3); “pequeno” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 1 SMMF. (1 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 23 informantes (14 M; 9 H).</p>	<p>“essa criança é um inção. Ele é um inção, fura tudo até encontrar o que quer” (Ven2_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven. (1 M).</p> <p>Total: 1</p>

23. Matina	<p>“pequeno-almoço” (SRF3_HA3, ECL8_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, CPS13_HA3, Mac14_MA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3); “acordar / levantar-se cedo” (CSC5_HA3 e CaSC6_HA3); “(de/pela) manhã” (SAF7_MA3, MF9_MA3, SMMF15_HA3, SV16_MA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3, SAF22_HA3 e SMMF23_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 SRF e SAF; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 1 Cal; 1 CPS; 1 SJS. (6 M; 2 H).</p> <p>Significado padrão 2 CSC e CaSC; 6 SAF, MF, SMMF e ICMF; 1 SV; 1 Ing. (5 M; 5 H).</p> <p>Significado desconhecido 7 informantes (4 M; 3 H).</p>	<p>“matinar com as galinhas” (CaSC6_HA3); “o sol nasce pela matina” (SAF7_MA3); “anda cá pela matina” (SV16_MA3); “às 7 da matina” (Ing21_HA3); “está na hora da matina” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 SJS. (1 M).</p> <p>Significado padrão 1 CaSC; 1 SAF; 1 SV; 1 Ing. (2 M; 2 H).</p> <p>Total: 5</p>
24. Matinar	<p>“ficar a pensar no mesmo assunto, muitas vezes seguidas” (Ven2_MA3); “tomar o pequeno-almoço” (SRF3_HA3, MF9_MA3, ICMF19_MB3, Ven20_HA3, Ing21_HA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3); “comer de manhã” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3 e SMMF15_HA3); “acordar/levantar cedo” (SAF7_MA3, ECL8_MA3, PCM10_MA3, MF12_MA3, Mac14_MA3, SAF22_HA3 e SMMF23_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 5 SRF, MF, ICMF, SAF e SMMF; 1 Ven; 1 Ing; 1 SJS; 2 CSC e CaSC. (4 M; 6 H).</p> <p>Significados padrão 1 Ven; 4 SAF, MF e SMMF; 1 ECL; 2 PCM e Mac. (7 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 7 informantes (4 M; 3 H).</p>	<p>“agora, ela não para de matinar nele” (Ven2_MA3); “vou matinar um pão” (CSC5_HA3); “vai matinar que já tás ficando bronque!” (CaSC6_HA3); “amanhã tenho de matinar” (SAF7_MA3); “vamos matinar” (MF9_MA3); “hoje matinei” (Mac14_MA3); “já matinaste?” (Ven20_HA3 e Ing21_HA3); “vou matinar agora” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 CSC e CaSC; 1 MF; 1 Ven; 1 Ing; 1 SJS. (2 M; 4 H).</p> <p>Significados padrão 1 Ven; 1 SAF; 1 Mac. (3 M).</p> <p>Total: 9</p>
25. Mira	<p>“oriundo de/que nasceu na Venezuela” (Ven2_MA3 e Ven20_HA3); “pessoa (natural) da Venezuela/venezuelano” (SRF3_HA3, ECL8_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, Ing21_HA3 e SMMF23_MA3); “palavra venezuelana que significa vê” (CSC5_HA3); “olha(r)” (MF9_MA3, Mac14_MA3 e ICMF19_MB3); “no sentido” (SMMF15_HA3); “instrumento/parte de (uma) arma” (SAF22_HA3); “nome dado aos venezuelanos” (SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 4 SRF, MF, SMMF e SAF; 1 ECL; 1 PCM; 1 Cal; 1 Ing. (7 M; 3 H).</p> <p>Significados diferentes 1 CSC; 3 ICMF, SMMF e SAF. (2 M; 2 H).</p> <p>Significado padrão 2 SAF e MF; 1 Mac. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 9 informantes (5 M; 4 H).</p>	<p>“aquela é a mira que veio ontem aqui” (Ven2_MA3); “mira aquele pássaro!” (MF9_MA3); “ele vive cá mas é mira” (PCM10_MA3); “mira aquilo” (Mac14_MA3); “o Jony é mira!” (Ven20_HA3); “é só miras na Madeira!” (Ing21_HA3); “aponta com a mira” (SAF22_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 1 PCM; 1 Ing. (2 M; 2 H).</p> <p>Significados padrão 2 MF e SAF; 1 Mac. (2 M; 1 H).</p> <p>Total: 7</p>
26. Palheiro	<p>“habitação de animais ou de arrumar material da fazenda” (Ven2_MA3 e CaSC6_HA3); “casa pequena/de campo, tradicional da Madeira; casa pobre” (SRF3_HA3, SAF4_HA3, SAF7_MA3 e SAF25_MB3); “onde se guardava o gado” (CSC5_HA3); “local de guardar/onde ficam os animais/o gado (ou galinhas)” (ECL8_MA3, Cal11_MA3, Cal18_MB3, Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “casa antiga” (MF9_MA3); “casa para abrigar os animais; galo de espécie pequena” (PCM10_MA3); “local onde se guarda utensílios (de trabalho)/pequeno armazém de arrumação” (MF12_MA3, CPS13_HA3 e SJS24_MA3); “fecho das calças” (Mac14_MA3); “galo pequeno; casa de palha” (SMMF15_HA3); “casa de palha” (Mac17_MA3); “lugar onde se guarda as cabras” (Ven20_HA3); “casa de campo” (SMMF23_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 3 CSC e CaSC; 1 ECL; 1 Cal; 1 Ing; 1 PCM. (5 M; 4 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Ven; 9 SRF, SAF, MF e SMMF; 1 Cal; 1 CPS; 1 SJS; 2 Mac. (8 M; 5 H).</p> <p>Significado desconhecido</p>	<p>“a vaca está no palheiro” (Ven2_MA3); “tens a casa toda desarrumada, parece um palheiro” (SRF3_HA3); “ele vive num palheiro” (SAF4_HA3 e SAF7_MA3); “vai guardar as vacas no palheiro” (CSC5_HA3); “Manel, vai meter o gado no palheiro que já tá a anoitecer” (CaSC6_HA3); “esta casa está num palheiro” (MF9_MA3); “ele pôs a vaca no palheiro; este palheiro canta tão bem” (PCM10_MA3); “as sementes estão no palheiro” (Cal11_MA3); “tens o palheiro aberto (fecho das calças)” (Mac14_MA3); “o palheiro daquela quinta é grande” (SMMF15_HA3); “mete o gado dentro do palheiro” (Ven20_HA3); “vou/vai ao palheiro (buscar as cabras)” (Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “comprei um palheiro” (SMMF23_MA3); “este palheiro está cheio de coisas” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 Ven; 2 CSC e CaSC; 1 PCM (2 M; 3 H).</p> <p>Significados diferentes 7 SRF, SAF, MF e SMMF; 1 Cal; 1 Mac; 1 SJS. (6 M; 4 H).</p> <p>Total: 16</p>

	3 informantes (2 M; 1 H).	
27. Pangaio / a	0	0
28. Pangueiro / a	<p>“que não paga o que deve/caloteiro” (Mac14_MA3, SMMF15_HA3 e SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Mac; 2 SMMF e SAF. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 22 informantes (13 M; 9 H).</p>	<p>“tu és um pangueiro” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Mac. (1 M).</p> <p>Total: 1</p>
29. Papiar	<p>“comer (tudo ou muito)” (Ven2_MA3, Mac14_MA3 e SAF22_HA3); “falar (muito/demais)” (SRF3_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, ECL8_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3 e SMMF23_MA3); “estar sempre a falar (sem parar)” (MF9_MA3 e Cal18_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 SRF, SMMF e MF; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 1 PCM; 2 Cal. (6 M; 3 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Ven; 1 Mac; 1 SAF. (2 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 13 informantes (7 M; 6 H).</p>	<p>“ele papeia tudo o que há!” (Ven2_MA3); “pareces um papagaio! É que não paras de papiar!” (CaSC6_HA3); “estás sempre a papiar” (MF9_MA3 e SMMF23_MA3); “vamos papiar (comer)” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 CaSC; 2 MF e SMMF. (2 M; 1 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Ven; 1 Mac. (2 M).</p> <p>Total: 5</p>
30. Passada(s)	<p>“escadas” (CSC1_HA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, Mac14_MA3, SAF22_HA3 e SMMF23_MA3); “(um) passo (com um ritmo certo)” (Ven2_MA3 e ICMF19_MB3); “degrau(s)” (PCM10_MA3, SMMF15_HA3, Cal18_MB3 e Ven20_HA3); “degrau; escada” (Mac17_MA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3); “passeio da estrada” (Ing21_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 8 SAF, MF e SMMF; 1 ECL; 2 Cal; 1 CPS; 3 Mac e PCM; 1 Ven; 1 SJS. (12 M; 8 H).</p> <p>Significado diferente 1 Ing. (1 H).</p> <p>Significado padrão 1 Ven; 1 ICMF. (2 M).</p> <p>Significado desconhecido 2 informantes (1 M; 1 H).</p>	<p>“sobe(s) as/vamos subir (est)as passadas!” (CSC1_HA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, MF9_MA3, Mac14_MA3 e SMMF23_MA3); “o padre não se despacha, é sempre a mesma passada de funeral” (Ven2_MA3); “vai pelas passadas que é mais saudável” (CaSC6_HA3); “tem/toma cuidado com as passadas” (SAF7_MA3, PCM10_MA3, MF12_MA3 e Ven20_HA3); “vou esfregar as passadas” (CPS13_HA3); “eu tropecei na passada” (SMMF15_HA3); “cuidado com a passada” (Ing21_HA3); “esta passada é muito alta” (SJS24_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 3 CSC e CaSC; 6 SAF, MF e SMMF; 2 Mac e PCM; 1 Ven; 1 CPS; 1 SJS. (7 M; 7 H).</p> <p>Significado diferente 1 Ing. (1 H).</p> <p>Significado padrão 1 Ven. (1 M).</p> <p>Total: 16</p>
31. Passapalo	<p>“entradas de comida/ aperitivo/dentinho/petisco” (Ven2_MA3, SAF4_HA3, ECL8_MA3 e SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 2 SAF; 1 ECL. (3 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 21 informantes (12 M; 9 H).</p>	<p>“os passapalos do jantar eram bons” (Ven2_MA3); “o passapalo daquela festa era bom” (SAF4_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 1 SAF. (1 M; 1 H).</p> <p>Total: 2</p>
32. Rajão	<p>“instrumento musical/ tradicional (de cordas, da Madeira/do bailinho, estilo guitarra/parecido a um braguinha)” (SRF3_HA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, Cal18_MB3, ICMF19_MB3, SMMF23_MA3 e SAF25_MB3); “instrumento; rápido” (Mac14_MA3); “parecido a um violino rústico” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 6 SRF, SAF, ICMF e SMMF; 2 CSC e CaSC; 2 PCM e Mac; 2 Cal. (8 M; 4 H).</p> <p>Significados diferentes 1 Mac; 1 SMMF. (1 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 11 informantes (6 M; 5 H).</p>	<p>“ela toca bem o rajão” (SAF4_HA3); “sabes tocar alguma música no rajão?” (CaSC6_HA3); “ele toca/eu toco rajão (no bailinho)” (PCM10_MA3, Mac14_MA3 e ICMF19_MB3); “vão todos de rajão (rápido)” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 2 SAF e ICMF; 1 CaSC; 2 PCM e Mac. (3 M; 2 H).</p> <p>Significado diferente 1 Mac. (1 M).</p> <p>Total: 6</p>
33. Romagem	<p>“festas folclóricas” (Ven2_MA3); “conjunto de pessoas que levam ofertas para o arraial” (SAF4_HA3, CaSC6_HA3, Mac14_MA3, ICMF19_MB3 e SAF25_MB3); “procissão (numa festa religiosa)” (CSC5_HA3, SAF7_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, CPS13_HA3 e SAF22_HA3); “romaria(s) (de Natal)” (SMMF15_HA3 e Ing21_HA3); “cantigas/canções que se entoam na noite de Natal, na igreja” (Cal18_MB3); “excursão” (SMMF23_MA3); “tradição natalícia” (SJS24_MA3).</p>	<p>“a romagem é hoje/já para a semana” (Ven2_MA3 e ICMF19_MB3); “a romagem vem grande” (SAF4_HA3); “vamos todos para a romagem” (CSC5_HA3); “não te esqueças amanhã da romagem da festa de Santo Amaro” (CaSC6_HA3); “próximo mês começa a romagem” (SAF7_MA3); “nós vamos fazer uma romagem na noite de Natal” (PCM10_MA3); “vamos numa romagem” (Mac14_MA3); “a minha tia foi na romagem” (SMMF15_HA3); “vamos participar nas</p>

	<p>DADOS QUANTITATIVOS 2 SAF e ICMF; 1 CaSC; 2 Mac e PCM (3 M; 2 H). Significados diferentes 1 Ven; 1 CSC; 5 SAF e SMMF; 2 Cal; 1 CPS; 1 Ing; 1 SJS (7 M; 5 H). Significado padrão 1 SMMF. (1 M). Significado desconhecido 7 informantes (4 M; 3 H).</p>	<p>romagens” (Ing21_HA3); “hoje, há romagem até à Calheta!” (SMMF23_MA3); “todos os anos vou na romagem” (SJS24_MA3). DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 5 ICMF, SAF e SMMF; 2 CSC e CaSC; 2 PCM e Mac. (5 M; 5 H). Significados diferentes 1 Ing; 1 SJS. (1 M; 1 H). Significado padrão 1 SMMF. (1 M). Total: 12</p>
34. Sarrame	<p>“confusão” (PCM10_MA3); “aglomerado” (SMMF15_HA3). DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM. (1 M). Significado diferente 1 SMMF. (1 H). Significado desconhecido 23 informantes (14 M; 9 H).</p>	<p>“não é preciso fazeres esse sarrame todo que não é caso para tanto” (PCM10_MA3); “um sarrame de gente” (SMMF15_HA3). DADOS QUANTITATIVOS 1 PCM. (1 M). Significado diferente 1 SMMF. (1 H). Total: 2</p>
35. Tapassol	<p>“cobertura de madeira ou metal) que tapa o sol das janelas” (Ven2_MA3, SAF4_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “tecido que protege do sol” (SRF3_HA3); “estore/estoros” (ECL8_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3 e Cal11_MA3); “janela de alumínio” (MF12_MA3); “proteção das janelas das casas” (SJS24_MA3); “parte exterior de uma janela, geralmente verde” (SAF25_MB3). DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 7 SAF, SMMF, ICMF e MF; 1 CaSC; 2 Mac; 1 Ing; 1 SJS. (6 M; 5 H). Significados diferentes 2 SRF e MF; 1 ECL; 1 PCM; 1 Cal. (6 M; 1 H). Significado desconhecido 7 informantes (3 M; 4 H).</p>	<p>“fecha o tapassol (para não entrar sol/que vai chover)!” (Ven2_MA3, SAF4_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, Mac14_MA3 e SAF22_HA3); “vamos sentar-nos debaixo do tapassol (numa esplanada)” (SRF3_HA3); “aquele tapassol tem de ser substituído” (SMMF15_HA3); “o tapassol é de cor verde” (ICMF19_MB3); “vai-se lavar os tapassóis” (Ing21_HA3); “este tapassol é muito antigo” (SJS24_MA3). DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 7 SAF, MF, SMMF e ICMF; 1 CaSC; 2 PCM e Mac; 1 Cal; 1 Ing; 1 SJS. (9 M; 5 H). Significado diferente 1 SRF. (1 H). Total: 15</p>
36. Terreiro	<p>“terraço” (Ven2_MA3); “terreno (em frente à casa; terreno plano)” (SRF3_HA3 e SAF22_HA3); “quintal (de uma casa)” (SAF4_HA3, SAF7_MA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, Cal18_MB3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3, SMMF23_MA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3); “espaço à frente de casa” (CSC5_HA3 e CaSC6_HA3). DADOS QUANTITATIVOS 2 CSC e CaSC; 9 SAF, MF, SMMF, ICMF e SRF; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 2 Cal; 1 CPS; 1 Ing; 1 SJS. (12 M; 8 H). Significados diferentes 1 SAF; 1 Ven. (1 M; 1 H). Significado desconhecido 3 informantes (1 M; 2 H).</p>	<p>“tenho de/vou/vai varrer/lavar o terreiro” (Ven2_MA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Mac14_MA3, Ing21_HA3 e SMMF23_MA3); “os miúdos estão a brincar no terreiro” (SRF3_HA3); “o terreiro é bastante grande” (SAF4_HA3); “o terreiro está sujo” (SMMF15_HA3); “o meu terreiro é enorme” (SJS24_MA3). DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 1 CaSC; 6 SAF, MF, SMMF e SRF; 2 PCM e Mac; 1 Ing; 1 SJS. (7 M; 5 H). Total: 12</p>
37. Tim-tam-tum	<p>“bebida alcoólica, licor (regional/típico do Natal madeirense)” (CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, SMMF15_HA3, Mac17_MA3, Cal18_MB3, ICMF19_MB3, SMMF23_MA3, SJS24_MA3 e SAF25_MB3); “especiaria que dá origem a um licor” (CPS13_HA3); “jogo de crianças (de escolha)” (SAF22_HA3). DADOS QUANTITATIVOS 2 CSC e CaSC; 7 SAF, MF, SMMF e ICMF; 1 ECL; 2 PCM e Mac; 2 Cal; 1 SJS. (12 M; 3 H). Significados diferentes 1 CPS; 1 SAF. (2 H). Significado desconhecido 8 informantes (3 M; 5 H).</p>	<p>“deite-me aí / bebe um tim-tam-tum” (CSC5_HA3 e SAF7_MA3); “queres provar o tim-tam-tum que fiz no Natal?” (CaSC6_HA3); “vamos beber um tim-tam-tum” (MF9_MA3); “o tim-tam-tum é muito tradicional no Natal” (PCM10_MA3); “ela faz/fiz tim-tam-tum no Natal” (ICMF19_MB3 e SMMF23_MA3); “não gosto nada de tim-tam-tum” (SJS24_MA3). DADOS QUANTITATIVOS 2 CSC e CaSC; 4 SAF, MF, ICMF e SMMF; 1 PCM; 1 SJS. (6 M; 2 H). Total: 8</p>
38. Trapiche	<p>“casa de cuidado mental/manicómio/casa de/dos loucos” (Ven2_MA3, SRF3_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, MF12_MA3, CPS13_HA3, SMMF15_HA3, Mac17_MA3, ICMF19_MB3, Ing21_HA3 e SAF22_HA3); “estar tudo louco”</p>	<p>“coitado, foi parar a trapiche depois do AVC” (Ven2_MA3); “ele é louco, devia estar no trapiche” (SRF3_HA3); “(o Manel/ele) está/foi/disseram que ele ia ser internado no trapiche” (CSC5_HA3, PCM10_MA3 e ICMF19_MB3); “(se continuas assim), ainda</p>

	<p>(MF9_MA3); “desarrumado/desarrumação” (Mac14_MA3 e SJS24_MA3); “confusão” (Cal18_MB3); “localidade/engenho de aguardente” (SAF25_MB3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 6 SRF, SAF, MF, SMMF e ICMF; 2 CSC e CaSC; 2 PCM e Mac; 1 Cal; 1 CPS; 1 Ing. (7 M; 7 H).</p> <p>Significados diferentes 1 MF; 1 Mac; 1 SJS; 1 Cal; 1 SAF. (4 M; 1 H).</p> <p>Significado desconhecido 6 informantes (3 M; 3 H).</p>	<p>vais parar ao trapiche” (CaSC6_HA3, SAF7_MA3 e Ing21_HA3); “está tudo um trapiche” (MF9_MA3); “vou te mandar po trapiche!” (CPS13_HA3); “este quarto/esta casa está (n)um trapiche” (Mac14_MA3 e SJS24_MA3); “um dia destes ainda acabo no trapiche” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 4 SRF, ICMF, SAF e SMMF; 2 CSC e CaSC; 1 PCM; 1 Ing; 1 CPS. (4 M; 6 H).</p> <p>Significados diferentes 1 MF; 1 Mac; 1 SJS. (3 M).</p> <p>Total: 13</p>
39. Trapichento / a	<p>“louco” (SAF7_MA3 e Mac17_MA3); “mal-arranjado” (ECL8_MA3); “rabugento” (MF9_MA3); “que arma confusão” (PCM10_MA3); “caprichoso” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 SAF; 1 Mac. (2 M).</p> <p>Significados diferentes 1 ECL; 1 MF; 2 PCM e Mac. (4 M).</p> <p>Significado desconhecido 19 informantes (9 M; 10 H).</p>	<p>“estás ficando trapichento” (SAF7_MA3); “este pequeno é trapichento” (MF9_MA3); “aquele rapaz é um trapichento” (PCM10_MA3); “tu és trapichento” (Mac14_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 SAF; 1 Mac. (2 M).</p> <p>Significados diferentes 1 MF; 1 PCM. (2 M).</p> <p>Total: 4</p>
40. Tratuário / trotoário	<p>“passeio (do Funchal/da estrada/da rua)” (Ven2_MA3, SRF3_HA3, SAF4_HA3, CSC5_HA3, CaSC6_HA3, SAF7_MA3, ECL8_MA3, MF9_MA3, PCM10_MA3, Cal11_MA3, Mac14_MA3, SMMF15_HA3, Mac17_MA3, ICMF19_MB3, SMMF23_MA3 e SAF25_MB3); “berma” (MF12_MA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 8 SRF, SAF, MF, SMMF e ICMF; 2 CSC e CaSC; 1 ECL; 3 PCM e Mac; 1 Cal. (11 M; 5 H).</p> <p>Significado diferente 1 MF. (1 M).</p> <p>Significado desconhecido 8 informantes (3 M; 5 H).</p>	<p>“o tratuário funchalense é imitar ao de Macau” (Ven2_MA3); “cuidado, atenção ao tratuário” (SRF3_HA3); “o carro subiu o tratuário” (SAF4_HA3); “não andes fora do tratuário” (CSC5_HA3); “sai da estrada e anda em cima do tratuário” (CaSC6_HA3); “tens de usar o tratuário!” (SAF7_MA3); “sobe para o tratuário!” (MF9_MA3); “vamos no tratuário” (Mac14_MA3); “aquele carro estacionou em cima do tratuário” (SMMF15_HA3).</p> <p>DADOS QUANTITATIVOS 1 Ven; 5 SRF, SAF, MF e SMMF; 2 CSC e CaSC; 1 Mac. (4 M; 5 H).</p> <p>Total: 9</p>